

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**BRUNO CAMPOS DOS SANTOS**

**PAN-AFRICANISMO EM MARCUS GARVEY E AMY JACQUES GARVEY:  
aspectos do pensamento afrodiaspórico e a agência histórica  
das mulheres negras Garveyistas**

**Porto Alegre**

**2023**

**BRUNO CAMPOS DOS SANTOS**

**PAN-AFRICANISMO EM MARCUS GARVEY E AMY JACQUES GARVEY:  
aspectos do pensamento afrodiaspórico e a agência histórica  
das mulheres negras Garveyistas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Oliveira da Silva

**Porto Alegre**

**2023**

**BRUNO CAMPOS DOS SANTOS**

**PAN-AFRICANISMO EM MARCUS GARVEY E AMY JACQUES GARVEY:  
aspectos do pensamento afrodiaspórico e a agência histórica  
das mulheres negras Garveyistas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovado em 28 de abril de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Orientadora: Dra. Fernanda Oliveira da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Professor Examinador: Dr. José Rivair Macedo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Professor Examinador: Me. Davi dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

## RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a noção de pan-africanismo a partir das filosofias e posicionamentos de Marcus Garvey (1887-1940) e Amy Jacques Garvey (1896-1973), os quais foram responsáveis pela formação e desenvolvimento do *Garveyismo*. O trabalho tem como fulcro analisar sob uma perspectiva historiográfica alguns aspectos centrais do primeiro volume da obra *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey (Filosofias e Opiniões de Marcus Garvey)*, editada por Amy Jacques em 1923, assim como os editoriais por escritos por Amy para a página *Our Women and What They Think (Nossa Mulheres e o que Elas Pensam)* do jornal *The Negro World*, entre 1923 e 1927. À vista disso, é possível compreender o posicionamento de estudiosas que defendem a existência de uma coautoria do pensamento Garveyista partilhada entre Marcus Garvey e Amy Jacques Garvey. Ademais, aborda-se a agência histórica das mulheres negras Garveyistas a partir dos preceitos e da referência de Amy Jacques concernente aos papéis que as mulheres deveriam ou poderiam exercer nas searas pública e privada de suas vidas, passando por sua atuação na *UNIA (Universal Negro Improvement Association – Associação Universal para o Progresso Negro)*.

**Palavras-chave:** Pan-Africanismo. Garvey. Garveyismo. Nacionalismo Negro. Feminismo Negro.

## ABSTRACT

This research deals with the notion of Pan-Africanism based on the philosophies and positions of Marcus Garvey (1887-1940) and Amy Jacques Garvey (1896-1973), who were responsible for the formation and development of *Garveyism*. The aim of this work is to analyze, from a historiographical perspective, some central aspects of the first volume of *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*, edited by Amy Jacques in 1923, as well as the editorials written by Amy for the page *Our Women and What They Think of The Negro World* newspaper, between 1923 and 1927. In view of this, it is possible to understand the position of scholars who defend the existence of a shared co-authorship of Garveyist thought between Marcus Garvey and Amy Jacques Garvey. In addition, the historical agency of black Garveyist women is approached from the precepts and reference of Amy Jacques concerning the roles that women should or could play in the public and private areas of their lives, passing through their performance at UNIA (Universal Negro Improvement Association – Universal Association for Negro Progress).

**Keywords:** Pan-Africanism. Garvey. Garveyism. Black Nationalism. Black Feminism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2. CAPÍTULO 1 – Antecedentes do pensamento pan-africano Garveyista</b> .....	11
2.1. Breve biografia do ativista político jamaicano Marcus Mosiah Garvey (1887-1940) .....	12
2.2. Breve biografia de Amy Jacques Garvey (1896-1973) .....	17
2.3. A centralidade conceitual de <i>África</i> e do <i>negro</i> na teórica Garveyista .....	21
<b>3. CAPÍTULO 2 – Filosofias e opiniões de Marcus Garvey: paradigmas teóricos do Garveyismo e a UNIA (<i>Universal Negro Improvement Association</i>)</b> .....	27
3.1. Princípios basilares do Garveyismo: Raça, Competição e Autopreservação (princípio da Sobrevivência) .....	28
3.2. Nação e o <i>Imperialismo Teórico Negro</i> (Immanuel Geiss) de viés capitalista ...	40
<b>4. CAPÍTULO 3 – Amy Jacques Garvey e a agência histórica das mulheres negras Garveyistas</b> .....	44
4.1. A multiplicidade de papéis no contexto do ativismo político Garveyista: Amy Jacques Garvey como editora, curadora e coautora do pensamento Garveyista .	46
4.2. <i>Our Women and What They Think</i> : o jornal <i>The Negro World</i> e o espaço ocupado pelas mulheres na imprensa negra Garveyista .....	53
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	61

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa visa analisar e discorrer a respeito das filosofias e “opiniões” do ativista social jamaicano Marcus Mosiah Garvey (1887-1940), com enfoque no conceito de pan-africanismo desenvolvido pelo autor e observado em sua obra (discursos e artigos). A análise situa-se especialmente no período em que Garvey residiu nos Estados Unidos da América, entre 1916 e 1927 (de seu desembarque a sua deportação), com ênfase especial nos últimos cinco anos no país, quando esteve detido – sob parcas acusações que serão abordadas a seguir – e sua organização, a UNIA (*Universal Negro Improvement Association*), foi liderada por sua esposa, Amy Jacques Garvey (1895-1973).

Nessa linha, a pesquisa propõe-se a discorrer sobre as ações e criações das mulheres Garveyistas especificamente a partir da figura de Amy Jacques Garvey e seu fundamental papel na UNIA e no jornal *The Negro World*, principalmente a partir de 1922, quando seu marido foi preso sob a alegação de fraude postal.

Um dos objetivos do estudo consiste em observar os paradigmas do pan-africanismo Garveyista principalmente através de seus discursos do período referido acima, selecionados e publicados por Amy Jacques Garvey. Assim, seria razoável questionar: o que representava o pan-africanismo a partir da perspectiva Garveyista? Quais são suas principais características e de que forma eram expressas em seus discursos, isto é, quais são os conceitos-chave da filosofia Garveyista e como foram operacionalizados?

O material utilizado como fonte foi editado por Amy Jacques Garvey e publicado em 1923 sob o título *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey - Vol. I*.<sup>1</sup> Amy foi esposa de Garvey entre 1922 e 1934 e publicou outros trabalhos relacionados ao Garveyismo. Ela integrou de forma ativa a UNIA (*Universal Negro Improvement Association*), associação pan-africana fundada por Garvey em 1914. A publicação consiste em uma compilação de conceitos e artigos sobre variados temas<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> O Volume II foi publicado em 1925.

<sup>2</sup> Alguns tópicos estão dispostos como verbetes, outros como ensaios, abordando questões mais específicas relacionadas ao pensamento Garveyista. São exemplos de tópicos presentes na obra: História; Destino; Educação; Nação; Mulher; Amor; Vigilância; Propaganda; Escravidão; Miscigenação; Radicalismo; Governo; Pobreza; Poder; “Integração da Raça”; Cristandade; “Divina distribuição da terra”; “A queda dos governos”; “Grandes ideais não conhecem nacionalidade”; “A imagem de Deus”; “A posição dos negros sob governos estrangeiros”; “Falta de cooperação na raça negra”; “Propaganda branca sobre África”; “Acreditar que o problema da raça vai se ajustar é uma falácia”; “A tragédia da

além de cinco discursos de Marcus Garvey proferidos entre 1921 e 1922, em Nova York (Estados Unidos da América).

A partir da perspectiva skinneriana da História das Ideias, almeja-se estabelecer relações histórico-interpretativas entre autor, texto, contexto e linguagem utilizada, de modo a estudar o sentido dos discursos de Garvey, assim como destacar práticas sociopolíticas por ele propostas. Quanto à metodologia proposta por Skinner, Barros aduz que a problematização da dimensão interpretativa dos significados extraídos de textos (objetos de pesquisas históricas) é uma de suas questões centrais. Com este propósito, tal perspectiva metodológica visa “compreender em que termos autores, textos, contextos e linguagem devem ser articulados pelo historiador ao investigar uma obra histórica, um conjunto de ideias, um enunciado ou o pensamento de um determinado autor.”<sup>3</sup> Adicionalmente, conforme preceitua Barros, também considero acertado o desenvolvimento de um diálogo entre a perspectiva de Skinner e aquelas de outros autores e tendências metodológicas a fim de pensar a história intelectual.

Além da perspectiva de Skinner, de base contextualista-histórica e alicerçada no estudo da linguagem empregada em determinado momento histórico, é possível, por exemplo, traçar um paralelo metodológico investigativo com aquele utilizado por Muryatan S. Barbosa na obra “A razão Africana”, o qual pode ser sintetizado pelo seguinte excerto de *O Capital* (1873), de Karl Marx: “A investigação tem de se apropriar da matéria em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno”.<sup>4</sup> Neste caso, Barbosa argumenta que este nexos “poderia explicitar uma razão própria ao pensamento africano contemporâneo”.<sup>5</sup>

Ademais, no que concerne à complexa tarefa do pesquisador envolto no estudo da história intelectual, o historiador francês Jean-François Sirinelli aponta o problema histórico de se “fazer um julgamento moral e de concluir pelo benefício ou, ao contrário, a nocividade de uma influência”. Segundo o autor, “o historiador dos

---

extinção da raça”; A raça branca; “Um chamado aos intelectuais”; “África para os africanos”; “O sonho de um Império Negro”; “Unidade de interesses”. (traduções nossas)

<sup>3</sup> SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o ‘contextualismo lingüístico’ na perspectiva de Quentin Skinner. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, n. 4, 2008, p. 4.

<sup>4</sup> MARX, Karl. *O capital: Crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 90 apud BARBOSA, Muryatan S. *A razão africana: Breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020, p. 11.

<sup>5</sup> BARBOSA, Muryatan S. *Op. cit.*, p. 11.

intelectuais não tem como tarefa nem construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum”.<sup>6</sup> Dessa forma, a presente pesquisa não pretende nem deificar, tampouco demonizar ou condenar, mas analisar historiograficamente, de forma embasada e orientada, os discursos de Marcus Garvey e o pensamento pan-africano Garveyista neles contido.

Em outras palavras, é importante ressaltar que não está se buscando investigar incoerências ou inconsistências nos discursos Garveyistas, tampouco se objetiva buscar uma coesão total entre tais discursos e as práticas institucionais da UNIA. Trata-se de, a partir dos discursos selecionados por Amy Jacques Garvey – tendo em vista a abordagem do contextualismo linguístico de Skinner – discorrer a respeito do pensamento pan-africano Garveyista e suas especificidades.

Dessa maneira, deve-se evitar incorrer nos equívocos teórico-metodológicos que Skinner denomina de mitologia da coerência e mitologia das doutrinas. Ou seja, não faz parte do escopo da pesquisa alcançar uma utópica interpretação totalizante, que retrate uma coerência interna inquestionável na obra de Garvey, como também não se trata de transformar os discursos analisados em uma pretensa síntese da “doutrina” Garveyista.<sup>7</sup>

Os registros históricos (textos e discursos) foram preservados pela própria autora, Amy Jacques Garvey, a qual se manteve atuante em prol do nacionalismo negro e da independência do continente africano até sua morte, em 1973. Ademais, a UNIA não deixou de existir, embora nunca tenha retomado a proeminência alcançada na década de 1920 – momento de sua maior expressão internacionalmente –, quando chegou a mais de 1900 (mil e novecentas) subseções, estabelecendo-se em mais de 40 (quarenta) países. Assim, através do arquivo institucional da associação e do arquivo pessoal, sob a guarda da família de Garvey, foi possível a preservação dos referidos escritos.<sup>8</sup>

Conforme afirma José Rivair Macedo na apresentação do livro “A Razão Africana”, há “poucos estudiosos brasileiros (...) se dedicando de modo constante e

---

<sup>6</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. Por uma história política, v. 2, 2003, p. 260-261.

<sup>7</sup> SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 362-363; 371-378. jan./abr. 2017. In SKINNER, Quentin. *Visions of Politics*. Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I, cap. 4.

<sup>8</sup> A fonte em questão pode ser encontrada na internet nas línguas inglesa e espanhola, sendo de fácil acesso. Texto integral disponível em: <http://www.black-matters.com/books/Marcus-Garvey-Phil-and-Opinions.pdf> (inglês); <http://www.vidarasta.net/wp-content/uploads/2016/08/Filosofias-Opiniones-Marcus-Garvey.pdf> (espanhol). Acessos em: 26 mar. 2023.

aprofundado a interpretar os contextos essenciais da história intelectual africana contemporânea.”<sup>9</sup> Considerando esta relativa escassez de material (principalmente em português) acerca do referido tema, acredito que o aprofundamento do estudo sobre a ideologia Garveyista e seus desdobramentos pan-africanistas parece ter razoável valia acadêmica.

Ademais, é necessário frisar a importância de se colocar em prática os preceitos da lei 10.639 de 2003<sup>10</sup>, no que se refere à obrigatoriedade do estudo e do ensino da história e cultura africanas. Neste ponto, cumpre realçar que a Diáspora Africana é considerada pela União Africana sua sexta região (oficialmente desde 2008) e parte importante do continente, sendo compreendida pelas populações de origem africana que vivem fora da África, independentemente da sua cidadania e nacionalidade. Portanto, dentre as justificativas para o estudo do tema em questão está a necessidade de aprofundamento da pesquisa acerca da agência histórica empreendida por líderes negros na Diáspora Africana, do mesmo modo em relação a aspectos relacionados a epistemologias negras de viés anticolonial.

Nessa esteira, o historiador chileno Eduardo Devés-Valdés também constata – na introdução de sua obra “O Pensamento Africano Sul-Saariano: Conexões e Paralelos com o Pensamento Latino-Americano e o Asiático” – que “muito pouco se encontra sobre isso em espanhol e menos ainda em outros idiomas, salvo em inglês”<sup>11</sup>, referindo-se ao “pensamento sul-saariano”, no qual está incluída a produção de intelectualidades negras em conexão com o Caribe e os Estados Unidos. Ainda, Devés-Valdés menciona a “importância dos intelectuais caribenhos para o pensamento africano” e afirma não existir outro caso, “no mundo periférico, de importância tão grande de uma região em relação a outra, especialmente tendo em conta a pequeníssima população caribenha.”<sup>12</sup>

Pensar na relevância social deste estudo é lembrar que em um país estruturalmente racista como o Brasil é comum a invisibilização histórica de pessoas não-brancas, mormente quando as contribuições e produções intelectuais ou práticas

---

<sup>9</sup> BARBOSA, Muryatan S. *Op. cit.*, Orelha do livro.

<sup>10</sup> BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>. Acesso em: 07 fev. 2023.

<sup>11</sup> DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. O Pensamento Africano Sul-Saariano: Conexões e Paralelos com o Pensamento Latino-Americano e o Asiático. Rio de Janeiro: EDUCAM; CLACSO, 2008, p. 10.

<sup>12</sup> *Ibidem*, pp. 54-55.

destas pessoas assumem caráter contestatório do *status quo* ou têm potencial de mobilização social. Desse modo, biografias e trajetórias como as de Marcus Garvey e Amy Jacques Garvey, assim como as ideias por eles operacionalizadas, têm muito a acrescentar ao pensamento social brasileiro, não obstante o fato de que sua retórica fosse de um “anti-integracionismo convicto”<sup>13</sup>, sua obra e sua ideologia está longe de se resumir a este aspecto, acrescentando-se que a reflexão crítica é indispensável nesta análise.

O primeiro capítulo do trabalho traz alguns dos antecedentes históricos do pensamento Garveyista, bem como breves biografias dos líderes jamaicanos Marcus Garvey e Amy Jacques Garvey. Nesta primeira seção, também são abordados alguns conceitos essenciais para o paradigma Garveyista, como *África* e *negro*. Na sequência, o capítulo dois trabalha com os principais pontos da filosofia Garveyista e alguns de seus princípios mais importantes, como a *autopreservação* e a *competição*. Nestes dois primeiros capítulos, utiliza-se como fonte histórica a obra *Filosofias e Opiniões de Marcus Garvey*, escrita e editada por Amy Jacques.

Por fim, no terceiro capítulo são abordados aspectos relativos às mulheres Garveyistas e à perspectiva de Amy Jacques Garvey, a qual teorizou o que pode ser considerado um amálgama entre o nacionalismo negro e o feminismo comunitário (conceito de Ula Y. Taylor). Nesta seção final, faz-se uso dos editoriais escritos por Amy para o jornal *The Negro World* como fontes históricas.

Para mais, é imperativo constatar que a discussão apresentada foi viabilizada, sobretudo a partir dos diálogos historiográficos entre escritoras e acadêmicas norte-americanas como Karen S. Adler, Ula Y. Taylor, Keisha N. Blain, Teresa Zackodnik, dentre outras. Tais produções teóricas ganham destaque principalmente no tocante à questão da reivindicação da coautoria de Amy Jacques Garvey e sua imprescindibilidade na construção do Garveyismo. Adler, por exemplo, considera Amy Jacques uma nacionalista negra feminista; Taylor operacionaliza o conceito de feminismo comunitário para sintetizar as ações e expressões de Amy; e, Zackodnik, trata da recirculação realizada através da coluna *Nossas Mulheres e o que Elas Pensam*, enfatizando aspectos jornalísticos da trajetória da líder jamaicana.

---

<sup>13</sup> BARBOSA, Muryatan S. *Op. cit.*, p. 35.

## 2. CAPÍTULO 1 – Antecedentes do pensamento pan-africano Garveyista

A presente pesquisa tenciona examinar a obra de Marcus Garvey tendo em vista as noções de nacionalismo negro e pan-africanismo<sup>14</sup>, estabelecendo-se paralelos com as filosofias e concepções de outros intelectuais e ativistas políticos quanto ao desenvolvimento da ideologia pan-africanista, além de destacar a contribuição substancial de Amy Jacques Garvey para a teórica Garveyista. Assim como outros notórios propagadores destes ou de semelhantes ideais, como Edward Wilmot Blyden (1832-1912), W. E. B. Du Bois (1868-1963) e Booker T. Washington (1856-1915). Tais cotejos se darão principalmente através do diálogo historiográfico, de modo a melhor contextualizar o pensamento Garveyista em termos epistêmicos.

Segundo Philippe Decraene<sup>15</sup>, inicialmente o pan-africanismo consiste em uma manifestação de solidariedade fraterna entre os negros de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos da América. Ademais, Devés-Valdés assevera que o pensamento pan-africanista evolui de forma cumulativa quanto a suas formulações, não havendo renúncia às predecessoras. Assim, o pan-africanismo enquanto epistemologia se caracterizaria pela incorporação de novos elementos a cada geração, ampliando continuamente seu alcance e efeitos.<sup>16</sup>

Considerando que o presente trabalho trata precipuamente das ações e reflexões crítico-teóricas de Amy Jacques Garvey e de Marcus Garvey, adota-se uma abordagem análoga à da historiadora Ula Y. Taylor – ao discorrer sobre Amy Jacques e seu papel na UNIA e no periódico *The Negro World* – no que se refere aos conceitos de nacionalismo negro e pan-africanismo. Para Taylor, neste contexto, os dois conceitos são intercambiáveis<sup>17</sup>, importando sobretudo a filosofia de solidariedade universal entre as pessoas negras com a finalidade de acabar com a exploração do imperialismo branco, por meio de amplo desenvolvimento nacional baseado em

---

<sup>14</sup> Tais conceitos serão trabalhados e elucidados ao longo deste e do segundo capítulo. Por ora, sublinhe-se que o pan-africanismo, conforme o historiador afro-britânico Hakim Adi, é um fenômeno moderno direcionado à emancipação política, cultural, social e econômica dos povos africanos, incluindo aqueles da diáspora africana. Para o autor, o que está na base da visão pan-africanista é a crença na unidade, na história e no propósito comuns dos povos da África e da diáspora, bem como a noção de que os destinos destes povos estão interconectados. (ADI, Hakim. *Pan-Africanism: A History*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018, p. 2).

<sup>15</sup> DECRAENE, Philippe. *O pan-africanismo*. São Paulo: DIFEL, 1962, p. 13.

<sup>16</sup> DEVÉS-VALDÉS, *op. cit.*, p. 110.

<sup>17</sup> TAYLOR, Ula Y. “‘Negro Women Are Great Thinkers as Well as Doers’: Amy Jacques-Garvey and Community Feminism, 1924-1927.” *Journal of Women's History*, vol. 12 no. 2, 2000, p. 122. Disponível em: <[doi:10.1353/jowh.2000.0047](https://doi.org/10.1353/jowh.2000.0047)>. Acesso em: 09 fev. 2023.

princípios como a autopreservação (ou sobrevivência) e a independência política através da unidade. Desse modo, haja vista o foco na materialidade dos atos, discursos e escritos de Amy Jacques e Marcus Garvey, não serão aprofundadas discussões teórico-filosóficas acerca dos conceitos referidos acima, mas sim suas produções em si.

Neste primeiro capítulo serão abordadas as biografias de Marcus Garvey e de Amy Jacques Garvey, bem como se fará apontamentos sobre a incontornável influência intelectual do escritor, diplomata, político e educador caribenho Edward Wilmot Blyden sobre o pensamento Garveyista. Além disso, serão discutidos conceitos básicos ligados ao Garveyismo como: a centralidade de África, a ideia de retorno (*Back to Africa*) e pertencimento (*Africa for Africans*); a opção pela palavra *negro* em oposição a *black* ou *colored people*, termos de preferência dos intelectuais negros do período, como W.E.B. Du Bois, fundador da NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*).

Para tanto, serão utilizadas como fontes históricas a obra editada por Amy Jacques Garvey em 1923, *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*, bem como os editoriais de Amy Jacques para o jornal *The Negro World* e seus escritos na seção que criou *Our Women and What They Think* (“Nossas Mulheres e o que Elas Pensam”), publicada de 1924 a 1927. A análise, portanto, está centrada no Harlem, Nova York (EUA), onde estava sediada a UNIA, embora o alcance de seu periódico fosse mundial. Em seu auge, o *Negro World* chegou a alcançar 200.000 (duzentos mil) exemplares por semana.<sup>18</sup>

## **2.1. Breve biografia do ativista político jamaicano Marcus Mosiah Garvey (1887-1940)**

Primeiro a receber o título de herói nacional da Jamaica e um dos principais expoentes do Pan-Africanismo, Marcus Mosiah Garvey Jr., habitualmente referido como Marcus Garvey, foi um líder político, editor, jornalista, empresário e orador. Nascido na cidade de Saint Ann's Bay (Baía de Santa Ana), em 17 de agosto de 1887, Marcus Garvey ficou conhecido, dentre outras razões que serão abordadas subsequentemente, por ter organizado o primeiro importante movimento nacionalista

---

<sup>18</sup> KAESTLE, Carl F.; RADWAY, Janice A. (Eds.). *A History of the Book in America: Volume 4: Print in Motion: The Expansion of Publishing and Reading in the United States, 1880-1940*. Chapel Hill: UNC Press Books, 2015, p. 355.

negro americano (1918–27), sediado no bairro do Harlem, em Nova York<sup>19</sup>, a UNIA – *Universal Negro Improvement Association* (Associação Universal para o Progresso Negro), que teve filiais na América Latina, Caribe, Europa e África.

Marcus Garvey emigrou para os Estados Unidos em 1916 a fim de atrair mais associados para seu movimento. Através de seu periódico *The Negro World* publicou matérias sobre os feitos de personalidades da raça negra e o resplendor da cultura africana. Ele preconizava que os negros seriam respeitados apenas quando fossem materialmente fortes e quando houvesse uma economia negra independente dentro da estrutura capitalista. Com o intento de atingir tais metas, fundou empresas como a *Black Factories Corporation*, a *Black Star Line Steamship* (1919), uma cadeia de restaurantes e mercearias, lavanderias, um hotel e uma gráfica. Apesar dos inúmeros esforços, falhas em seus métodos comerciais levaram a problemas que culminariam na falência de empresas como a *Black Star Line*. Segundo Danilo Rabelo, isso ocorreu devido ao fato de que “Garvey preocupava-se mais em se cercar de pessoas leais, sem atentar para a capacidade delas em gerir os negócios”.<sup>20</sup>

Adicionalmente, sua visão de pureza racial e seu ideal separatista ou anti-integracionista – envolvendo, por exemplo, o polêmico encontro com o líder da Ku Klux Klan e aproximações com o grupo supremacista branco, resumidamente em razão da busca comum pela separação das raças –, trouxeram-lhe contundentes inimigos entre os líderes negros respeitados da época, como o líder trabalhista A. Philip Randolph<sup>21</sup> (1889-1979) e W. E. B. Du Bois<sup>22</sup>, figura central da NAACP – *National Association for the Advancement of Colored People* (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor).<sup>23</sup> Conforme explica o historiador Danilo Rabelo,

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://jis.gov.jm/information/heroes/marcus-mosiah-garvey>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

<sup>20</sup> RABELO, Danilo. Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p. 136.

<sup>21</sup> Nascido em 1889 na Florida, Asa Philip Randolph mudou-se para a cidade de Nova York antes mesmo da Grande Migração para o Norte. Alinhado à ideologia socialista, foi um notável sindicalista e ativista social pelos direitos trabalhistas, tornando-se uma importante voz do Movimento dos Direitos Civis, responsável, por exemplo, pela Marcha sobre Washington (1963). Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "A. Philip Randolph". Encyclopedia Britannica, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/A-Philip-Randolph>. Acesso em: 26 mar. 2023.

<sup>22</sup> Nascido em Massachussets, W. E. B. Du Bois foi um dos fundadores da NAACP – *National Association for the Advancement of Colored People* (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor) em 1909. Sua principal obra *The souls of the black folk* é composta por 13 ensaios e um conto. Lançada no Brasil em 1903 com o título *As Almas da Gente Negra*, analisa de maneira elucidativa a experiência do negro nos Estados Unidos, abrangendo aspectos sociais, políticos, econômicos, regionais, psicológicos, musicais, através de um estilo brilhante e profundamente pessoal. DECRAENE, *op. cit.*, pp. 15-16.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Marcus-Garvey>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

tratava-se de uma aproximação estratégica, pois para Garvey, a Klan representava “realmente o governo invisível dos Estados Unidos da América”<sup>24</sup>:

O encontro de Garvey com Edward Young Clarke, chefe da Ku Klux Klan, em Atlanta no começo de 1922 foi ainda mais polêmico. **Para Garvey essa era mais uma ação estratégica que uma admiração mútua.** Ele desejava saber a extensão do poder da KKK e se ela poderia apoiar a UNIA e seu programa de “Volta para a África”. As lideranças afro-americanas não compreenderam a ação de Garvey e ficaram indignadas. Ele por sua vez respondeu: “Eu olho a Klan, os Clubes Anglo-Saxões e as Sociedades dos Americanos Brancos como os melhores amigos da raça do que todos os outros grupos de brancos hipócritas juntos. Eu gosto de honestidade e jogo limpo. Vocês podem me chamar de Homem da Klan se quiserem, mas, **potencialmente todo homem branco é um Homem da Klan**, na medida em que o Negro em competição com os brancos socialmente, economicamente e politicamente é concebido, e não há nenhuma mentira nisso”.<sup>25</sup> (grif o nosso)

De acordo com o estudioso costa-riquenho Guillermo Antonio Navarro Alvarado, no paradigma Garveyista há “a insistência em uma teoria crítica da raça ambivalente que, em linhas gerais é mais racializada que a posição de Blyden”, o que resulta na “adoção de uma separação absoluta das ‘raças’ como princípio político”.<sup>26</sup>

Não obstante suas proposições acerca da manutenção fenotípica da raça negra e de suas críticas à miscigenação, no Garveyismo, em determinado momento os debates sobre a pureza racial perdem importância, isto porque sob esse prisma a África e o *negro* não podem “reproduzir as práticas de diferenciação social e racial experimentadas nas Américas e na Europa, além de superar o caminho da *superioridade racial* na construção de uma *nação* africana.”<sup>27</sup> Nesse sentido, o pensamento Garveyista assim apregoa no tópico sobre a “Unidade de Interesses”:<sup>28</sup>

Todos sabem que **não há absolutamente nenhuma diferença entre os nativos africanos e os Negros das Índias Ocidentais e americanos**, na medida em que **somos descendentes de uma linhagem familiar comum.** É apenas uma questão de acidente que tenhamos sido divididos e mantidos separados por mais de trezentos anos, mas sentimos que quando chegar a hora de nos reunirmos, faremos isso no espírito de amor fraternal, e qualquer Negro que espera ser ajudado aqui, ali ou em qualquer lugar pela Universal Negro Improvement Association para exercer uma superioridade altiva sobre os companheiros de sua própria raça, comete um tremendo erro. Tais

<sup>24</sup> GARVEY, Mosiah Marcus. Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa/ Marcus Mosiah Garvey; [tradução: Kwame Asafo N. Atunda, Ali Kemet, Lu Isha e Afrocentricidade Internacional Bahia; Organização e notas: Douglas J. G. Araújo e Kwame A. N. Atunda]. São Paulo: CFMG, 2017, p. 131.

<sup>25</sup> OTTLEY, Roi. *New World A-Coming: Inside Black America*. Boston: Houghton Mifflin, 1943, p. 74 apud RABELO, 2006, pp. 154-155.

<sup>26</sup> NAVARRO ALVARADO, Guillermo Antonio. *África deve-se unir?: a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negrístas e pan-africanos (séculos XVIII-XX)*. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 153.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>28</sup> GARVEY; Marcus; JACQUES GARVEY, Amy. *Philosophy and opinions of Marcus Garvey*. New York: The Universal Publishing House, 1923, p. 55.

homens devem permanecer onde estão e não tentar se interessar de forma alguma pelo maior desenvolvimento da África.

Pertencente à segunda geração do Pan-Africanismo, conforme a análise de Eduardo Devés-Valdés<sup>29</sup>, Marcus Garvey e os ideais por ele defendidos ganharam expressão principalmente na década de 1920, no contexto pós-Primeira Guerra Mundial, momento em que ocorre uma ruptura no pensamento africano e afrodiaspórico, marcadamente pela adoção de um caráter anticolonialista, afirmativo e coordenado. Características que devem ser pormenorizadas através da pesquisa aqui apresentada, em especial o aspecto anticolonial do ideário Garveyista. Concernente ao referido pensamento afrodiaspórico, o seguinte excerto, da obra “Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico”, pode elucidar este conceito de maneira sucinta:<sup>30</sup>

A partir das suas respectivas localizações espaço-temporais e dos núcleos cosmológicos das culturas criadas (BOGUES, 2003; HENRY, 2000), os africanos escravizados e seus descendentes, participantes dessa diáspora forçada, contribuíram com a criação e a invenção de uma nova cultura, elaborando novas formas de espiritualidade, conhecimento, subjetividade, sociabilidade. As novas culturas criadas são também projetos políticos, que trazem em seu bojo não somente a dimensão da resistência, mas também a dimensão da esperança. E essas culturas (...) passam cotidianamente pelo processo de recriação a partir de fluxos e trocas de ideias, valores e projetos que circulam pelo mundo afrodiaspórico.

Para mais, a chamada primeira geração pan-africanista – assim denominada por Devés-Valdés –, constituída no início do século XX, baseava-se fundamentalmente na reivindicação de direitos e no incentivo ao progresso dos negros no mundo todo. O principal nome desta geração é o trinitário-tobagense Henry Sylvester Williams<sup>31</sup> (1867-1911), cujo pensamento estruturou-se no princípio de defesa dos negros do mundo de quaisquer formas de exploração e abuso.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> DEVÉS-VALDÉS, *op. cit.*, p. 85.

<sup>30</sup> BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón MALDONADO-TORRES, Nelson; (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 17.

<sup>31</sup> Dirigente e articulador da 1ª Conferência Pan-Africana, em 1900, Henry Sylvester Williams foi um escritor, ativista social e advogado. Considerado um dos precursores do uso do termo “pan-africano”, é tido como um dos fundadores do movimento pan-africano. Em 1897, Sylvester fundou em Londres a *African Association*, posteriormente *Pan-African Association*, cujos objetivos consistiam em: Promover a unidade; Melhorar as relações entre os africanos; Promover os interesses dos africanos; Circular informações para ensinar os africanos sobre seus direitos e privilégios; Informar o público britânico sobre ocorrências em outras partes do mundo; Informar as pessoas e potencialmente mudar as leis para os negros na África do Sul. SHERWOOD, Marika. *Origins of Pan-Africanism: Henry Sylvester Williams, Africa and the African diaspora*. New York: Routledge, 2011; NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, pp. 42; 49; 188.

<sup>32</sup> DEVÉS-VALDÉS, *op. cit.*, p. 110.

As ideias popularizadas por Garvey são comumente reunidas sob o termo Garveyismo, o qual essencialmente constitui uma doutrina baseada no nacionalismo negro e no pan-africanismo. Ademais, como afirma o historiador Danilo Rabelo, é considerado um movimento social anticolonialista, marcado pelo foco no progresso autônomo das comunidades negras, em prol do autoconhecimento, autorrespeito e orgulho racial das populações africanas e afrodescendentes. O autor assevera que tais postulados “nem sempre formam um todo coerente, especialmente quanto aos métodos e ações”.<sup>33</sup>

De acordo com Muryatan Barbosa, “Garvey não foi um acadêmico, mas um homem de ação política”, destacando-se seu carisma e sua habilidade de comunicação com as multidões. O autor ressalta o argumento religioso através do qual Garvey “defendia uma posição afirmativa do ser negro”, afirmando que “tudo aquilo que impedisse a sua realização plena ia contra os desígnios de Deus”. Dessa forma, tal discurso era utilizado para combater o racismo, assim como para “elevar o moral da população negra”.<sup>34</sup> Além disso, Barbosa assinala que, de forma pioneira, em 1924, Garvey defendeu a “ideia de uma África unida e federada”<sup>35</sup>, o que acabou se tornando um lema para grande parte dos pan-africanistas vindouros.

Garvey presidiu uma grande convenção internacional realizada em 1920, no *Liberty Hall* em Nova York, com a presença de delegados de 25 países. Neste evento apresentou sua “Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo”, constituída por um programa de 54 pontos. Garvey preconizava o regresso de todos os negros à África – sua “pátria-mãe” – e, com este objetivo, estabeleceu a companhia de navegação *Black Star Line*. Conforme Decraene, entre 1919 e 1921, cerca de 10 milhões de dólares foram arrecadados pela associação por diversos meios (venda da fotografia de Garvey, palestras e discursos, emissão de cartões de Natal com seu retrato etc.).<sup>36</sup>

A influência de Garvey diminuiu substancialmente quando ele e outros membros da UNIA foram indiciados por fraude postal em 1922, relativa à venda de ações da *Black Star Line*. A empresa faliu em 1922 e ele foi preso no ano seguinte, condenado a cinco anos de detenção por estelionato. Após cumprir dois anos da

---

<sup>33</sup> RABELO, 2006, p. 144.

<sup>34</sup> BARBOSA, Muryatan S. *Op. cit.*, p. 35.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>36</sup> DECREAENE, *op. cit.*, p.18.

condenação, em 1927 sua sentença foi comutada pelo presidente Calvin Coolidge (1872-1933) e Garvey foi deportado para a Jamaica, sendo considerado *persona non grata* em território estadunidense.<sup>37</sup>

Importante referir que devido a seu apelo popular e sua excepcional oralidade, bem como sua capacidade de mobilização e conscientização para a igualdade de direitos, Garvey invariavelmente tornou-se alvo da máquina pública estadunidense, dominada por uma elite branca. Uma evidência desta escalada institucional contra o ativista jamaicano é o “Memorando ao Agente Especial Ridgely”<sup>38</sup>, datado de 1919, escrito por J. Edgar Hoover (do Departamento de Justiça), onde o mesmo afirma que Garvey não havia violado nenhuma lei federal por meio da qual pudesse ser processado e deportado. Em seguida, sugere que possa existir algum processo contra Garvey por fraude em conexão com sua propaganda da *Black Star Line*. Verifica-se, diante disso, que as maquinações de Hoover objetivavam sobretudo a deportação de Garvey dos Estados Unidos da América.

Complementarmente, em relação a esta contracampanha empreendida pelo governo, merece menção a contratação feita por Hoover em 1919 – obcecado em frear Garvey e o Garveyismo – do primeiro agente negro da história do FBI, o qual assinava como “800”. Seu trabalho era se infiltrar na UNIA e buscar evidências que pudessem ser usadas no intuito de processar e condenar Garvey, a quem Hoover se referia como sendo um “notório agitador negro”. Ressalte-se, ainda, que havia 8 (oito) agências federais incumbidas de reportar as atividades de Marcus Garvey.<sup>39</sup>

## 2.2. Breve biografia de Amy Jacques Garvey (1896-1973)

Amy Euphemia Jacques Garvey nasceu em Kingston, Jamaica, em 1896, filha mais velha de George Samuel e Charlotte Henrietta Jacques. Criada em uma família de classe média com valores burgueses vitorianos, segundo a historiadora estadunidense Karen S. Adler, os breves relatos de sua vida antes de conhecer Marcus Garvey revelam alguns dos elementos que a tornaram uma mulher de espírito

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Marcus-Garvey>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://quilombouniapp.wordpress.com/2011/12/05/marcus-garvey-e-a-associacao-universal-do-progresso-negro-unia/>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

<sup>39</sup> Marcus Garvey: Procure por Mim na Tempestade. Direção e Produção: Stanley Nelson. Firelight Media/Half Nelson Productions. Tradução: OSH1 Autoimagem. EUA: 2001, 121 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yu6uaOKVfEs&t=4032s>. Acesso em: 18 mar 2023.

independente, obstinada e altamente talentosa.<sup>40</sup> Adler afirma que “as circunstâncias sociais nas quais Amy viveu influenciaram suas opiniões sobre nacionalismo negro, feminismo e política de classe”.<sup>41</sup>

Amy Jacques frequentou o ensino médio durante uma época em que menos de 2% dos jovens jamaicanos recebiam esse nível de educação. Além de sua educação formal, desde cedo Amy era compelida a ler jornais e periódicos estrangeiros com seu pai, a fim de aprimorar seu conhecimento de mundo. Dessa forma, ela absorveu o profundo interesse de seu pai sobre questões políticas, incluindo o progresso racial.<sup>42</sup> Adler assim sintetiza a importância da educação na trajetória de Amy e no desenvolvimento de sua liderança:<sup>43</sup>

Assim como muitas mulheres de classe média de sua geração (brancas e negras), Amy Jacques Garvey foi criada para ser bem educada e socialmente consciente durante uma era de restritas oportunidades de carreira para as mulheres. Para Amy, assim como para seus colegas educados de classe média interessados em mudança social, a reforma social estava entre os poucos meios viáveis para promover sua agenda social e política. Seu status de classe média permitiu que ela desenvolvesse as habilidades verbais e intelectuais necessárias para se tornar uma líder eficaz do movimento.

Percebe-se, portanto, que a educação (formal e informal) desempenhou um papel fundamental na trajetória social, política e profissional de Amy Jacques Garvey. De acordo com a professora e escritora estadunidense Ula Y. Taylor, embora Amy não rejeitasse categoricamente a luta armada, ela estava convencida de que as pessoas pretas poderiam mais eficientemente libertar-se das garras do colonialismo e alcançar seu maior potencial adquirindo o conhecimento que possibilitou a ascensão de outras raças.<sup>44</sup> Mais tarde, ela sustentou que a inteligência, sobretudo aquela relacionada às ciências modernas e ao negócio capitalista, era uma virtude globalmente respeitada que seria recompensada com riqueza material e poder. Desse modo, Amy Jacques acreditava que “o primeiro passo preparatório de todos os Garveyistas tinha que ser a educação e o desenvolvimento intelectual”.<sup>45</sup> Neste ponto, as palavras de Ula Taylor mostram a significância da educação na ótica Garveyista:<sup>46</sup>

A premissa fundamental de Jacques-Garvey era de que “as mulheres foram dotadas das mesmas faculdades mentais que os homens”. Como uma

<sup>40</sup> ADLER, Karen S., “*Always Leading Our Men in Service and Sacrifice*”: Amy Jacques Garvey, *Feminist Black Nationalist*. *Gender & Society* 6, no. 3, 1992. p. 349, tradução nossa.

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> *Ibidem*.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 350, tradução nossa.

<sup>44</sup> TAYLOR, Ula Y. *Op. cit.*, p. 110.

<sup>45</sup> *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

conhecedora das notícias internacionais, Jacques-Garvey regularmente comparava a “nova mulher Negra” com outras mulheres do mundo. Ela comentou que as mulheres do “Oriente” (Índia, Egito e Turquia) estavam se tornando educadas e não se consideravam mais “escravas de seus maridos”, mas sim como “seres humanos independentes e inteligentes, capazes de reivindicar e conservar seus direitos em co-parceria com seus homens.” Nesta discussão e em outras, Jacques-Garvey conectou o “despertar das mulheres” em todo o mundo às suas realizações intelectuais, que “aumentaram o prestígio de suas próprias nações e raças”. A educação era fundamental não somente para a redenção da África, mas também levaria à liberdade pessoal das mulheres da dependência conjugal e da opressão colonial.

Consoante Karen Adler, Amy Jacques parecia ter um grande interesse pelos Estados Unidos da América, e prova disso seria a decisão de se mudar para este país logo após atingir a maioridade. O período de sua infância – na virada do século – coincidiu com uma intensificação da intolerância e da discriminação contra pessoas negras nos Estados Unidos. O que fascinava Amy, neste caso, era que, reconhecendo que a “dependência da sociedade branca era equivalente ao suicídio racial, negros americanos (...) desenvolveram sua própria infraestrutura social, política e econômica em um esforço para assegurar progresso racial.”<sup>47</sup> Dessa maneira, embora tenha sido exposta à consciência racial ainda na Jamaica, o exemplo de unidade e organização dos estadunidenses exerceu uma influência mais considerável sobre Amy Jacques Garvey, conforme Adler:<sup>48</sup>

A filosofia de autoajuda, orgulho racial e autonomia econômica que permeou a comunidade negra durante o início do século XX indubitavelmente influenciou o desenvolvimento de Amy enquanto uma nacionalista negra e defensora da autossuficiência econômica dos negros.

Entretanto, apesar dos incentivos educacionais que recebia de seu pai, Amy recebia mensagens contraditórias do mesmo sobre seu lugar na vida. Isto porque “enquanto ele encorajava seu desenvolvimento intelectual, ele também restringia suas opções de carreira”.<sup>49</sup> Com a autorização de seu pai, enquanto estudava em uma escola de elite, fez cursos de taquigrafia e de máquina de escrever. Porém, ele concordou com a realização dos cursos apenas como meios de tomar notas em seu treinamento para se tornar uma enfermeira. Após atingir excelente desempenho nos referidos cursos, Amy recebeu uma proposta de emprego em um escritório de advocacia. Todavia, seu pai não permitiu a aceitação do trabalho por acreditar que tal

---

<sup>47</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 350.

<sup>48</sup> *Ibidem.*

<sup>49</sup> *Ibidem.*

emprego seria inapropriado para uma “dama respeitável”, o que explicita o caráter moralista desta decisão.<sup>50</sup>

Posteriormente, ocorre o falecimento do pai de Amy Jacques Garvey e, com isso, o advogado da família sugere à mãe que Amy passe a trabalhar no escritório como atendente e supervisione a propriedade da família. Charlotte Henrietta concorda com a proposta e Amy acaba trabalhando no escritório durante quatro anos, lá adquirindo extenso conhecimento jurídico e administrativo.<sup>51</sup> Apesar de ser consequência de uma tragédia familiar, Amy passa a ter a oportunidade de seguir caminhos que seu pai havia a impedido de trilhar. Segundo Adler, “suas experiências de sexismo dentro da família, no ambiente de trabalho e mais tarde no movimento Garveyista contribuíram para o seu desenvolvimento como feminista.”<sup>52</sup>

Como ativista política, Amy J. Garvey é conhecida por auxiliar e promover seu marido. No entanto, igualmente importante foi o chamamento de Amy para que as mulheres participassem do movimento “raça em primeiro lugar” (*race first*).<sup>53</sup> A página das mulheres que criou no jornal *Negro World* (periódico semanal da UNIA), intitulada *Our Women and What They Think* (Nossas mulheres e o que elas pensam) “promoveu a noção de que era essencial para as mulheres negras desenvolver uma consciência política”<sup>54</sup> para a “elevação” da raça e, em última análise, para libertar a África dos colonizadores europeus.

Além disso, Ula Taylor assevera que os editoriais escritos por Amy demonstram que ela não estava separada do legado histórico dos clubes de mulheres negras da década de 1890. Na verdade, Amy ajudou a renovar suas filosofias feministas nos anos 1920, acrescentando ao seu corpo de pensamento o conceito de nacionalismo negro. Conforme a autora estadunidense:<sup>55</sup>

Assim como suas predecessoras, Amy Garvey defendia que às mulheres negras fossem dadas todas as oportunidades para o desenvolvimento intelectual. As mulheres educadas eram melhores equipadas para criar filhos e negociar seu ambiente doméstico e a arena pública. Amy Garvey diferia dos ativistas da Era Progressista, contudo, pois ela instava as mulheres negras a cultivar seu caráter feminino não para a integração, mas para uma plataforma nacionalista focada nas necessidades da raça.

---

<sup>50</sup> Ibidem, pp. 350-351.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 351.

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> GUY-SHEFTALL, Beverly, (ed.). *Words of Fire: An Anthology of African-American Feminist Thought*. New York: New Press, 1995, p. 89, tradução nossa.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Ibidem.

De acordo com Karen Adler, a consciência feminista provavelmente já estava florescendo quando Amy decidiu ir para os Estados Unidos após quatro anos de trabalho na área jurídica, tal decisão foi contrária à vontade de sua mãe e de seu empregador. Logo, em 1918 Amy deixa a Jamaica e promete retornar em três meses caso as condições se mostrassem insustentáveis, o que não ocorreu. Destaca-se que o principal motivo para a viagem foi o desejo de Amy de dar continuidade à sua educação. Dessa maneira, ao desafiar os desejos de sua família e ir para um país estrangeiro sozinha, numa época em que isso era algo raro para a maioria das mulheres, Amy demonstrou “independência de espírito, coragem e sede de conhecimento – todas as quais a caracterizaram pelo resto de sua vida.”<sup>56</sup>

### 2.3. A centralidade conceitual de *África* e do *negro* na teórica Garveyista

O Garveyismo se desenvolve por meio da articulação de aspectos da teoria política imperial com elementos da tradição pan-negrista. Desse modo, “a visão de império, a necessidade territorial, a nação e a raça como elementos em competição global e a *excepcionalidade africana*”<sup>57</sup> representam essencialmente a base do *corpus* teórico Garveyista, cuja aplicação no continente africano é planejada a partir da Libéria. Para Garvey, a planejada nação Negra é “uma nação em competição aberta como os poderes coloniais, que procurará transformar-se em uma nação competitiva por si só.”<sup>58</sup> Nas palavras de Navarro Alvarado:<sup>59</sup>

O *Paradigma Garveyista* e a filosofia de Garvey são marcadas por estes elementos. Como *paradigma* o *Garveyismo* contém os elementos clássicos das tradições *Pan-negristas*, uma projeção idealizada, mítica e espiritual sobre África como símbolo predestinado e resolutivos dos processos de exploração e racialização das populações negras nas Américas, o compartilhamento do universo simbólico *Pan-negrista* com os símbolos da Etiópia, Egito e Libéria como espaços mítico-políticos, com a crítica e leitura teológica *Etiopianista* da predestinação: “[...] a fé que temos é uma fé que, em última instância, nos levará de volta a esse lugar antigo, aquela posição antiga que uma vez ocupamos, quando a Etiópia estava em sua glória.” (GARVEY; JACQUES-GARVEY, 1971, p. 82, tradução nossa)

Conforme os escritos sistemáticos de Eduardo Devés-Valdés, o pan-africanismo Garveyista está ligado às noções de regeneração negro-africana e autogoverno, bem como possui uma tendência universalista segundo a qual “propõe-

<sup>56</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 351.

<sup>57</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 153.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

se o desenvolvimento das capacidades tanto econômicas como políticas, intelectuais e morais dos negros<sup>60</sup>. Dessa forma, este movimento político-ideológico estaria baseado em ideais de coordenação coletiva, autoafirmação e de luta contra a dependência ou o domínio colonial.

De maneira semelhante a intelectuais e ativistas negros como Sylvester Williams e W. E. B. Du Bois, Marcus Garvey promoveu organizações, publicações, reuniões e campanhas que representaram um crescente impacto sobre as elites intelectuais africanas (anglófona, francófona e lusófona). Quanto a isso, vale destacar que Garvey defendia as ideias de um Estado ou poder africano centralizado como fundamental para a defesa dos africanos de uma eventual intervenção externa.<sup>61</sup>

Adicionalmente, é possível uma melhor compreensão acerca da operacionalização dos ideais Garveyistas no contexto diaspórico do início do século XX por meio do conceito de *Atlântico Negro*, de Paul Gilroy, considerando-se a existência de uma rede de conexões entre África, América e Europa, através da qual circulavam não mais pessoas escravizadas como nos tempos coloniais, mas epistemologias, conceitos, interpretações e recursos teóricos que possibilitariam a resistência e, conseqüentemente, a independência em relação aos colonizadores. Isso não significa que nos progressos tempos coloniais não houvesse a circulação de ideias, o que se destaca é a intensificação deste tráfego e a existência de uma “contracultura da modernidade que operava como processo em uma conectividade global”<sup>62</sup>, exemplificadamente através dos congressos, das conferências e da cultura gráfica e suas inúmeras publicações alusivas à África e questões afins.

Talvez o principal exemplo disto seja a grande circulação do jornal *The Negro World* pelo mundo, sobretudo durante a década de 1920. A influência e a permeabilidade do periódico Garveyista em diversos países africanos foi tamanha que ocasionou a censura do mesmo pelos poderes coloniais, uma vez que seus ideais promoviam a ideia de libertação do jugo colonial europeu. Neste sentido, Danilo Rabelo aponta o seguinte:<sup>63</sup>

A insistência de uma África livre do domínio colonial, obviamente, desagradava aos governos das potências europeias. O movimento de Garvey, que possuía filiais na África, era visto pelas autoridades coloniais como um movimento de agitadores negros e o seu veículo de divulgação, o jornal *The Negro World*, tinha sua circulação proibida em várias colônias

<sup>60</sup> DEVÉS-VALDÉS, *op. cit.*, p. 77; 86.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>62</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 143.

<sup>63</sup> RABELO, 2006, pp. 149-150.

francesas. Na (...) manchete estampada na primeira página do referido jornal pode-se ler as seguintes frases: “África, a terra prometida para os povos negros do mundo” e “Irão os negros permitir que os brancos tomem a África?”.

Cabe lembrar que havia edições em francês, inglês, espanhol e que, eventualmente, artigos foram traduzidos para línguas da África do Sul. Além disso, merecem menção as “traduções de matérias de jornais negros dos Estados Unidos, como o *Chicago Defender* e o *The Negro World*, em periódicos negros paulistanos [como *O Clarim d’Alvorada*<sup>64</sup>], conforme aduz o historiador João Paulo Lopes.<sup>65</sup> Nessa esteira, o historiador afro-britânico Hakim Adi argumenta que “existe ampla evidência de que o *Negro World*, Garvey e a UNIA eram amplamente conhecidos na África, mesmo nas colônias portuguesas”.<sup>66</sup>

Nesse ponto, Hakim Adi indica que as tentativas de censura tiveram um efeito danoso às autoridades coloniais – pior ou tão extenso quanto pudesse ocorrer pela livre circulação da publicação –, visto que “só aumentaram as queixas dos africanos letrados e o ódio generalizado ao domínio colonial”.<sup>67</sup> Outrossim, consoante explana o referido autor<sup>68</sup>:

Mesmo ilegal, a publicação *Negro World* foi evidente e amplamente divulgada em toda a África Ocidental, tanto nas colônias britânicas quanto nas francesas. Sua importância é manifesta pelo fato de a referida publicação e as atividades da UNIA terem sido largamente divulgadas na imprensa local. A censura não restringiu o número de leitores, como fica claro no testemunho de Nnamdi Azikiwe (1904-1996), posteriormente o primeiro presidente da Nigéria, que ignorou as advertências de seu pai sobre os perigos de se ler uma publicação tão sediciosa.

No Brasil, a associação (UNIA) e os discursos de Garvey já encontravam algum eco na década de 1920. Conforme expõe o historiador Petrônio Domingues no artigo “O ‘Moisés dos Pretos’: Marcus Garvey no Brasil”, embora o líder jamaicano

<sup>64</sup> Sobre este periódico: “Mário Vasconcelos traduzia o *The Negro World* (...) além de outras notícias, relativas ao ativismo negro norte-americano. Essas traduções passaram a sair nas páginas do *Clarim d’Alvorada* numa **coluna que recebeu o mesmo nome do periódico de Garvey: ‘Mundo Negro’**, possibilitando assim uma ponte entre os ativistas do Brasil e os do norte da América. Em 1930 a chamada era: ‘O Mundo Negro - Notícias e Trabalhos transcritos e traduzidos para o *Clarim d’Alvorada* dos mais importantes organs negros das Américas.’ (grifos nossos) Cfe. FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. Representações Sociais e Práticas Políticas do Movimento Negro Paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga dos Santos (1928-1937). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005, p. 73.

<sup>65</sup> LOPES, João Paulo. Uma história negra com certeza: a escrita histórica nos jornais negros paulistanos. Geledés, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/uma-historia-negra-com-certeza-a-escrita-historica-nos-jornais-negros-paulistanos/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

<sup>66</sup> ADI, Hakim. Pan-Africanismo: uma história. Tradução de Mário Soares Neto. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 91.

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> Ibidem, pp. 88-89.

recebesse pouco destaque da grande imprensa, a imprensa negra da época o via de forma distintiva e chegou a considerá-lo um “ícone da raça”.<sup>69</sup>

Nos Estados Unidos da América, a cultura afro-americana abolicionista da qual provém o nacionalismo negro está ligada à apropriação da religião cristã e reinterpretções bíblicas para fins de resistência, as quais visavam limitar a cultura de viés escravocrata hegemônica. O conceito remete à tradição reivindicativa (*vindicationist tradition*), isto é, à “dinâmica cultural da defesa existencial e cultural do negro, fazendo ênfases em sua contribuição cultural e civilizacional para o mundo cultural hegemônico”.<sup>70</sup>

O Garveyismo sofreu grande influência da ideologia etíopianista, ou etíopista, caracterizada por ser uma ideologia de orgulho racial com marcantes conotações religiosas. Desenvolvida por escravizados dos Estados Unidos educados por seus senhores e expostos à Bíblia, esta ideologia faz diversas referências aos etíopes e sua nação milenar. Desse modo, em decorrência da influência da literatura ocidental e, a partir de noções geográficas equivocadas, alguns dos primeiros escritores afrodescendentes como Júpter Hammon (1711-1806) e Phyllis Wheatley (1753-1784) eventualmente se referiram a si próprios como “Ethiops” (etíopes), um termo genérico utilizado para descrever todos os povos de ascendência africana<sup>71</sup>.

A chegada do etíopismo no Caribe ocorreu no final do século XVIII. Conforme Leonard E. Barret<sup>72</sup>, ao fim da Guerra de Independência dos Estados Unidos, escravizados que lutavam pelas forças britânicas foram libertos e dirigiram-se para as Índias Ocidentais. Destaca-se entre esses grupos George Liele (1752-1828), fundador da primeira Igreja Batista jamaicana em 1783. Pertence enfatizar que a referida igreja foi batizada *Abyssinian Church* (Igreja Abissínia), propagando o etíopianismo na ilha caribenha, ideologia que além do desejo de retorno à África, representava o estabelecimento de relações entre os afro-americanos e os cidadãos africanos.

Na Jamaica, o etíopianismo difundiu-se principalmente a partir da derrota das forças italianas em 1896, na Primeira Guerra Ítalo-Etíope (1895-1896). Tal fato, altamente significativo e simbólico, representa a primeira derrota, na história moderna,

<sup>69</sup> DOMINGUES, Petrônio. O “Moisés dos Pretos”: Marcus Garvey no Brasil. *Novos estudos CEBRAP*, v. 36, 2017 36(3), set. 2017, pp. 129-150.

<sup>70</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 69.

<sup>71</sup> RABELO, 2006, p. 116.

<sup>72</sup> BARRET, Leonard E. *The Rastafarians*. Boston: Beacon Press, 1997, p.172 In: RABELO, 2006, p. 120.

de uma força europeia perante uma nação africana. Segundo Rabelo, para muitos jamaicanos, a Etiópia tornou-se um símbolo de redenção e liberdade. Além do mais, os mitos e a própria história etíope serviam de contraponto às representações de uma África essencializada pelo pensamento ocidental e eurocêntrico como selvagem, pagã e supersticiosa.<sup>73</sup> Nessa esteira, outro ponto que merece destaque é o hibridismo entre os elementos secular e religioso presente no pensamento Garveyista. Como afere Rabelo:<sup>74</sup>

(...) se Marcus Garvey utilizava amiúde a retórica das igrejas e passagens bíblicas nos seus discursos, o seu pensamento era de natureza mais secular que religiosa (...) seus discursos muitas vezes assumiam um caráter híbrido em que as fronteiras entre os símbolos e mitos sagrados do Etiopianismo se confundiam com aquelas dos assuntos seculares.

Para mais, é válido perceber que a centralidade do conceito de África na construção teórica Garveyista está ligada a uma abordagem marcadamente imperialista, embora suas especificidades devam ser sublinhadas. Tal forma de pensamento caracteriza-se também pela forma pessimista com que concebe o futuro não conectado de alguma forma à África, ou seja, sustenta a inevitabilidade da vinculação das pessoas e comunidades negras do mundo com a ancestralidade e os valores civilizatórios africanos. Nessa linha, Garvey afirmou que “o futuro do negro (...) fora da África significa ruína e desastre”<sup>75</sup> e, conforme Hakim Adi, a solução para as pessoas na diáspora viria com a retomada da “terra-mãe África das mãos de exploradores” estrangeiros e o estabelecimento de uma forte nação negra.<sup>76</sup> Neste sentido, acrescenta o escritor trinidadense Tony Martin: “O primado da raça no pensamento de Garvey foi acompanhado de um profundo pessimismo quanto ao futuro do negro na América”.<sup>77</sup>

<sup>73</sup> SCOTT, William R. *The Sons of Sheba: African Americans and the Italo-Ethiopian War*. Bloomington: Indiana University Press, 1993, p. 21 In: RABELO, 2006, p. 120.

<sup>74</sup> RABELO, 2013, p. 530.

<sup>75</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, p. 44.

<sup>76</sup> ADI, 2022, p. 81.

<sup>77</sup> MARTIN, Tony. *Race First: The Ideological and Organizational Struggles of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*. Dover, Massachusetts: The Majority Press, 1986, p. 23-24, tradução nossa apud NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 170.

Por fim, cumpre aludir ao afrocentrismo inerente à teórica Garveyista, e, portanto, aos paralelos que se pode estabelecer entre Garveyismo e Afrocentrismo<sup>78</sup>. Como bem arrazoa Navarro Alvarado:<sup>79</sup>

O Afrocentrismo é neste sentido uma reconstrução conceitual ampla, que toma em seus primeiros desdobramentos a forma crítico-teológica, articulando correntes, tanto no plano teológico como historiográfico, para desdobramentos conceituais e hermenêuticos centrados nos conceitos de Etiópia e Egito, inscritos já nas tradições hermenêuticas bíblicas metodistas, protestantes e cristãs em geral, às quais a identificação da ancestralidade se referiam como uma prática crítica das ramificações e leituras raciais que o discurso religioso oficial propunha.

---

<sup>78</sup> “O Afrocentrismo ou posicionamento Afrocêntrico é aquele que identifica as diásporas africanas com uma ancestralidade africana inescapável e determinante das várias identidades; um núcleo articulador que reflexivamente se identifica simbolicamente com África. Esta identificação passa pela centralidade da África como determinante social, histórica e política.” NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 68.

<sup>79</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 68.

### **3. CAPÍTULO 2 – *Filosofias e opiniões de Marcus Garvey: paradigmas teóricos do Garveyismo e a UNIA (Universal Negro Improvement Association)***

Considerando as características do pensamento Garveyista passíveis de serem extraídas dos atos, discursos e escritos de Amy Jacques e Marcus Garvey, esta seção da pesquisa busca explorar os pontos centrais da doutrina por eles difundida. Nessa esteira, serão explorados princípios estruturantes do pensamento Garveyista, como raça, nação e nacionalismo negro, autopreservação, competição e imperialismo. Trata-se, portanto, de uma análise conceitual dos discursos e argumentos constantes na obra editada por Amy Jacques Garvey, *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1923), a qual será estudada em suas especificidades na sequência do capítulo.

Segundo Ula Y. Taylor, a publicação deste livro estava relacionada à necessidade de arrecadação de fundos para os custos com a defesa de Garvey da acusação de fraude postal, bem como consiste num instrumento para melhorar a reputação do líder jamaicano em meio aos problemas causados pela institucionalidade judicial estadunidense.<sup>80</sup> A obra se subdivide em cinco capítulos, descritos por Amy Jacques da seguinte forma: os dois primeiros trazem definições e exposições sobre vários temas interessantes sob a ótica Garveyista; os capítulos 3 e 4 apresentam uma seleção de "breves ensaios sobre situações que afetam as condições mundiais em geral, e dos Negros em particular"<sup>81</sup>; por fim, o último capítulo contém cinco discursos, os quais Amy considera como alguns dos melhores discursos de Garvey.

Conforme a autora expressa no prefácio da obra acima referida, seu objetivo inicial foi "manter um arquivo pessoal das opiniões e palavras" de Marcus Garvey "durante sua carreira como líder dessa parte da família humana conhecida como Raça Negra." Posteriormente, ela afirma que sua decisão de publicar o volume visa "dar ao público a oportunidade de estudar e formar uma opinião"<sup>82</sup> a respeito de Garvey a partir das colocações por ele feitas em defesa de sua raça.

Além disso, Amy Jacques ressalta que o livro foi produzido sobretudo para as pessoas negras de todas as partes do mundo, destacando a importância de que "os

---

<sup>80</sup> TAYLOR, Ula Y. *Op. cit.*, p. 118.

<sup>81</sup> GARVEY; Marcus; JACQUES GARVEY, Amy. *Op. cit.*, 1923, p. 4.

<sup>82</sup> *Ibidem*, Prefácio.

membros da raça entendam suas lideranças” e “saibam quais são suas prioridades, seus princípios”, bem como possam “ajudar a alcançar seus objetivos e liberar uma raça no verdadeiro sentido da palavra”. Verifica-se, portanto, sua preocupação com “a passagem da recordação através das gerações”<sup>83</sup> e com a preservação do legado intelectual, político e social de seu companheiro.

Considerando a distinção proposta por Paul Zumthor entre “os monumentos linguísticos e os simples documentos”<sup>84</sup>, me parecem claras as intenções de edificações – em amplo sentido – de Marcus Garvey ao proferir seus discursos às massas e de Amy Jacques Garvey ao registrá-los materialmente visando eternizar o legado ideológico transmitido. Dessa forma, tais escritos representam monumentos linguísticos por excelência. A partir do postulado de Le Goff de que o principal dever do historiador é a crítica do documento enquanto monumento, é imprescindível observar o contexto de produção destes documentos, bem como as escolhas a ele atinentes, ou, nas palavras do autor: “analisar as condições de produção dos documentos-monumentos”.<sup>85</sup>

### 3.1. Princípios basilares do Garveyismo: Raça, Competição e Autopreservação (princípio da Sobrevivência)

Na conjuntura desta análise, deve ser sublinhada a relevância do termo *new negro*, operacionalizado pelo discurso Garveyista. Além de fazer parte de um slogan fundamental da UNIA (*Universal Negro Improvement Association*), “*The New Negro Has No Fear*” (O Novo Negro Não Tem Medo) – observado em cartazes durante passeatas da associação –, percebe-se sua utilização nos seguintes trechos de *Philosophy and opinions of Marcus Garvey*:

“(…) Nenhum líder pode liderar com sucesso esta nossa raça sem dar uma interpretação do **espírito desperto do Novo Negro**, que não busca apenas uma oportunidade industrial, mas uma **voz política**. (...)”

“(…) O novo negro não será enganado. **O novo negro se recusa a aceitar conselhos de quem não sentiu e sofreu com ele**. Sofremos por trezentos anos, portanto sentimos que chegou o tempo em que somente aqueles que

<sup>83</sup> BLOCH, March. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, Colin, Paris, 1949 [1941-42], p. 29-30 apud LE GOFF, Jacques. Documento monumento. In: História e memória. 4 ed. trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP Ed. UNICAMP, 1996, p. 544.

<sup>84</sup> ZUMTHOR, Paul. *Document et monument. A propos des plus anciens textes de langue française*, em “*Revue des sciences humaines*”, fac. 97, 1960, p. 8 apud LE GOFF, Jacques. Documento monumento. In: História e memória. 4 ed. trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP Ed. UNICAMP, 1996, p. 544-545.

<sup>85</sup> LE GOFF, *op. cit.*, p. 548.

sofreram conosco podem interpretar nossos sentimentos e nosso espírito. (...)”

“Em nenhum momento da história do mundo, nos últimos quinhentos anos, houve uma tentativa séria de libertar os negros. Fomos levados a acreditar que fomos libertos por Abraham Lincoln. Que fomos libertos por Vitória da Inglaterra, mas até agora ainda somos escravos, somos escravos industriais, somos escravos sociais, somos escravos políticos, e **o novo negro deseja uma liberdade que não tem fronteira, não tem limite.** (...) em nosso desejo de nos elevar a esse padrão, não pararemos até que haja uma África livre e redimida.”<sup>86</sup> (grifos nossos)

A fim de melhor compreender este conceito, é pertinente lançar mão dos escritos do filósofo, historiador e intelectual camaronês Achille Mbembe, o qual explana acerca deste aspecto da filosofia Garveyista em sua obra *Crítica da razão negra*, destacando a centralidade conceitual desta forma de autoidentificação<sup>87</sup>:

(...) para Marcus Garvey, não era suficiente determinar-se pela falta. Passava-se o mesmo com as formas de identificação secundária ou derivada (isto é, a identificação através do senhor). Ultrapassando o lado negativo da destruição, **o Negro devia tornar-se outro**, empreendedor de si mesmo, e transformar-se em sujeito capaz de se projectar (sic) no futuro e de investir num desejo. Para fazer nascer um novo ser humano e conferir consistência à sua vida, devia autoproduzir-se não como réplica, mas como *insolúvel diferença e singularidade absoluta*. Surgiria, da perda e da destruição, **uma potência de formação**, substância via criadora de uma forma nova no mundo. Ainda que sensível à ideia da necessidade, Garvey não reduziu o desejo à necessidade. Pelo contrário, ele tentou redefinir o próprio objecto (sic) do desejo negro – **o de se governar por si mesmo**. A este desejo que era simultaneamente um projecto (sic), baptizou-o (sic) de projecto africano de “redenção”. (grifos nossos)

A partir da ideia de “governar por si mesmo” veiculada pelo Garveyismo, Achille Mbembe sustenta que “o projeto de redenção exigia igualmente uma teoria do acontecimento”.<sup>88</sup> Neste caso, o acontecimento em questão seria o surgimento de um “império africano”<sup>89</sup>, imprescindível para a raça negra atuar econômica e politicamente no cenário mundial. Este ideal será abordado sob a ótica do conceito de “imperialismo teórico negro”, do historiador alemão Imanuel Geiss, na sequência deste capítulo.

Para além do referido conceito de *new negro*, é indeclinável mencionar o próprio Movimento Novo Negro (*New Negro Movement*), mais conhecido como Renascimento do Harlem (*Harlem Renaissance*), significativo movimento cultural florescido basicamente entre o pós-Primeira Guerra (1918) e a Crise de 1929. Consoante explica Hakim Adi, a ascensão do Garveyismo e da UNIA nos Estados Unidos é concomitante ao desenvolvimento do Movimento Novo Negro, de modo que

<sup>86</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, pp. 46; 57; 69 (traduções nossas).

<sup>87</sup> MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014, pp. 259-260.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 260.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 261.

“ambos refletiam uma nova assertividade e confiança entre os afro-americanos”<sup>90</sup>, tendo encontrado expressão em organizações políticas, na literatura, na arte e na música, durante a “era do jazz”. Segundo o autor, ambos os movimentos – Garveyista e *New Negro* – tinham amplas preocupações pan-africanas e “um interesse renovado na África”<sup>91</sup>, substancial para os esforços destes em contraposição ao racismo e ao colonialismo.

Nesse ponto, cumpre fazer referência ao escritor e jornalista caribenho – nascido em Saint Croix – Hubert Harrison (1883-1927), uma das principais figuras políticas do *Harlem Renaissance* e fundador da Liga da Liberdade dos Negros Americanos. Embora fosse socialista, portanto, politicamente divergente de Garvey, Harrison foi pioneiro em desenvolver conceitos que influenciariam o Garveyismo, como “*Race First*” (raça primeiro) e a noção de “consciência racial”.<sup>92</sup> Mais do que isso, de acordo com Hakim Adi, “Harrison pavimentou o caminho para Garvey e o introduziu à política radical do Harlem”<sup>93</sup> e, em 1920, passou a ser o principal editor do jornal *The Negro World*.

Em relação à busca pela redenção e pelo processo emancipatório da raça negra, o excerto a seguir de *Philosophy and Opinions* ilustra a implacabilidade do projeto Garveyista de construção de uma nação negra pan-africana de dimensões continentais:

Se a Europa é para o homem branco, se a Ásia é para o homem pardo e amarelo, certamente a África é para o homem negro. O grande homem branco lutou pela preservação da Europa, as grandes raças amarela e parda estão lutando pela preservação da Ásia, e quatrocentos milhões de negros derramarão, se necessário, a última gota de seu sangue pela redenção da África e a emancipação da raça em todos os lugares.<sup>94</sup>

O ideal de “volta à África” representa outra importante faceta do Garveyismo. Embora tenha sido amplamente criticada pela *intelligentsia* afro-americana da época, devido às inúmeras dificuldades práticas de implantação deste projeto, é fundamental destacar que não se tratava de uma forma desordenada de “retorno” ao continente africano. O excerto abaixo de Danilo Rabelo explicita alguns critérios deste ponto do programa Garveyista:<sup>95</sup>

---

<sup>90</sup> ADI, 2022, p. 82.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>93</sup> *Ibidem*.

<sup>94</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 33.

<sup>95</sup> RABELO, Danilo. Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas do centenário da UNIA. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luís, v. 13, n. 26, jan./jun. 2013, p. 512, grifo nosso.

(...) segundo Amy Jacques Garvey, o líder da UNIA não planejava fazer com que todos os afrodescendentes espalhados pela Diáspora retornassem ao continente africano. Para Marcus Garvey, **uma vez que uma forte nação africana fosse estabelecida, os afrodescendentes de qualquer lugar do mundo automaticamente ganhariam prestígio e força e poderiam buscar a sua proteção caso fosse necessário**. Além disso, para ele se alguns negros não eram bons na América, também não seriam bons na África. Aqueles particularmente desejáveis na nova nação africana eram engenheiros, artesãos, e trabalhadores de toda espécie, isto é, os elementos pioneiros sobre os quais todas as civilizações são erguidas (CLARKE; GARVEY, 1974, p. 184-185).

Vinculada à ideia de redenção também está a religiosidade cristã, frequentemente instrumentalizada pelo discurso Garveyista desde o início da UNIA, visto que a primeira versão do Manifesto da associação (datada de 1914) incluía o objetivo de “promover culto ‘cristão’ entre as tribos africanas”, termo substituído na segunda versão por culto “espiritual”. Neste sentido, pode ser explorado o subsequente fragmento da obra de Amy Jacques<sup>96</sup>, *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*:

Não podemos dizer a nós mesmos que a doutrina que Jesus ensinou - a de redimir a humanidade - é a doutrina que nós mesmos devemos ensinar na redenção de nossa raça em luta? Apeguemo-nos, portanto, ao grande ideal que temos diante de nós. Desta vez não é o ideal de redimir o mundo, como era o ideal de Jesus, mas **é o ideal de redimir e salvar 400.000.000 de almas que sofreram durante séculos com a perseguição de raças estrangeiras**. Assim como Cristo, por Seus ensinamentos, Seus sofrimentos e Sua morte, triunfou sobre Seus inimigos, por meio da ressurreição, também esperamos que, de nossos sofrimentos e perseguições de hoje, triunfemos na ressurreição de nossa raça recém-nascida. (grifo nosso)

Nesse ponto, Danilo Rabelo coloca o seguinte: “o Garveyismo defendia a necessidade e a importância da liberdade religiosa e espiritual, porém introduziu uma nova forma de culto cristão entre a comunidade africana e afro-americana.”<sup>97</sup> A religião Garveyista incorporava rituais da igreja romana e da igreja ortodoxa grega, tendo sido denominada *African Orthodox Church* (Igreja Ortodoxa Africana). Como explana Rabelo, Garvey era católico desde a juventude, tendo inclusive casado perante a Igreja Romana com Amy Ashwood Garvey (1897-1969), sua primeira esposa. Entretanto, Garvey gradativamente passou a contestar aspectos do catolicismo e convenceu-se de que “a submissão a um Deus Branco equivaleria a submeter a raça africana à raça branca”, afinal “se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, então para o homem negro, Deus deveria ser negro.”<sup>98</sup>

<sup>96</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 50.

<sup>97</sup> RABELO, 2013, p. 518.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 519.

Nessa linha, merece menção a influência da ideologia etiopianista sobre o pensamento Garveyista. Surgida no intento de contrapor a ideia de superioridade racial branca, a ideologia etiopianista proporciona a posituação da identificação racial negra e, portanto, a subversão do *status quo* do negro estadunidense no período colonial, relegado à subalternidade por leituras enviesadamente racistas da Bíblia, considerando o contexto social de pensadores como Júpter Hammon<sup>99</sup> (1711-1806) e Phyllis Wheatley<sup>100</sup> (1753-1784), primeiros escritores afro-americanos a adotarem *ethiop* para uma autoconceituação em referência à África. Conforme o historiador Danilo Rabelo, no contexto da região norte dos Estados Unidos da América, para educar os escravizados nos moldes cristãos, os senhores os expunham à leitura da Bíblia – a partir da qual passaram a instrumentalizar várias referências positivas à Etiópia.<sup>101</sup> Quanto ao surgimento do etiopismo, Navarro Alvarado acrescenta o que segue:<sup>102</sup>

(...) a interpretação bíblica da Etiópia, estabelecida em grande medida por Henry Highland Garnet – mas presente já em autores anteriores como Ottobah Cugoano (1787) – facilitará uma tradição teológico-religiosa de suma importância para articulação política e intelectual nos EUA, no Caribe, na Costa Ocidental da África e na África do Sul, a qual transcenderá a visão sacra, para um uso simbólico profano nas nascentes intelectualidades nacionalistas africanas (LAHOUEL, 1986; SCOTT, 2004; SHEPPERSON, 1953).

Foi do salmo Davídico e de outras Escrituras pertencentes a uma poderosa Etiópia na antiguidade que os Afro-Cristãos inventaram uma identidade do Vale do Nilo e criaram uma interpretação cíclica da história Negra, uma versão na qual o aumento, a regressão e a renovação da ascendência

<sup>99</sup> Nascido em Long Island (Nova York), Jupiter Hammon é tido como o fundador da literatura afro-americana. Seu poema "An Evening Thought, Salvation by Christ with Penitential Cries" foi publicado em 1760. Durante sua vida, Hammon escreveu diversos ensaios e poemas que refletem sua inteligência, profunda fé cristã e pontos de vista sobre os conflitos sociais e morais da escravidão e da liberdade no início dos Estados Unidos. Enquanto estava escravizado na mansão Joseph Lloyd, Hammon escreveu suas duas obras mais importantes em 1786: "Um discurso aos negros no estado de Nova York" e o não publicado "Um ensaio sobre a escravidão". Hammon provavelmente foi libertado após a morte de John Lloyd II, em 1792. KAUTZ, S. "The Life and Works of Jupiter Hammon (1711–before 1806)", 2018. Disponível em: <https://preservationlongisland.org/the-life-and-works-of-jupiter-hammon-1711-before-1806/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

<sup>100</sup> Nascida na África Ocidental (possivelmente no atual Senegal), Wheatley foi transportada em um navio negreiro para os Estados Unidos da América com cerca de 7 anos. John Wheatley, um abastado comerciante de Boston, batizou a jovem escravizada com o nome do navio que a trouxe, comprando-a inicialmente com o intuito de colocá-la no trabalho doméstico. Todavia, a velocidade com que a menina aprendeu a língua inglesa chamou a atenção da família, que passou a incentivá-la a ler a Bíblia e a desobrigou das atividades domésticas. Estudando juntamente com os filhos do casal, logo cedo Phillis leu autores clássicos da literatura ocidental, como Thomas Gray, Alexander Pope e John Milton. Cumpre realçar a excepcionalidade da educação ocidentalizada à qual Phillis Wheatley foi submetida, haja vista ser bastante incomum qualquer tipo de letramento ou incentivo à leitura e à escrita por pessoas escravizadas. SANTOS, J. de P. dos. Nação, raça e identidade em *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*, de Phillis Wheatley. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 28, n. 3, 2018, p. 84.

<sup>101</sup> RABELO, 2006, pp. 116-117.

<sup>102</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 73, tradução nossa, grifos nossos.

africana do mundo estavam predestinadas. *Essas ideias – a de uma estimada identidade racial, histórica e de destino – deram às várias gerações das Igrejas Negras Americanas, os meios psicológicos para sobreviver mentalmente à supressão racial brutal e sustentar a esperança em um futuro melhor.* (SCOTT, 2004, p. 45)

Na Grécia Antiga, aproximadamente desde o século VIII AEC, os literatos gregos utilizavam o termo “etíope” para se referir às pessoas de pele escura advindas do continente africano. Etimologicamente, a palavra vem da raiz grega “ai-thi-o-pí-a”, cujo significado é “região de faces queimadas”, originalmente empregada na *Septuaginta* (tradução em grego koiné da Bíblia) – escrita entre os séculos III e I AEC, em Alexandria. Consequentemente, os europeus passaram a reproduzir tal denominação ao fazerem alusão a pessoas ou povos africanos. Em razão desta influência cultural, bem como de noções geográficas imprecisas e generalizantes, os autores afro-americanos suprarreferidos também recorreram ao mesmo conceito. Entretanto, passaram a adotá-lo a fim de subverter as interpretações racistas dos textos bíblicos arguidas pelos brancos, utilizando seus conhecimentos religiosos para criticar a instituição da escravidão.<sup>103</sup>

Desse modo, percebe-se a relevância do pioneirismo desta forma de autoidentificação, haja vista que os referenciais etiopistas passaram a figurar e direta ou indiretamente influenciar o surgimento de diversos movimentos contestatórios às opressões contra as comunidades negras – como é o caso do Garveyismo –, assumindo considerável relevância em termos de história social americana, história e cultura negra. Conforme Rabelo aponta, as prestigiosas citações sobre a Etiópia presentes na Bíblia cumpriram importante papel no fortalecimento dos argumentos de caráter igualitário operados por escritores como Hammon e Whitley. Analogamente ao orgulho demonstrado pela civilização ocidental por supostamente descender da civilização greco-romana, os africanos em situação de diáspora e seus descendentes passaram a ter a referência central da milenar civilização etíope, contrapondo assim a superioridade racial pretendida pelos senhores em relação aos escravizados.<sup>104</sup>

Neste sentido, Garvey propõe no discurso proferido em 1922 no Liberty Hall: “devemos acreditar que o salmista tinha grandes esperanças nesta nossa raça quando profetizou: ‘Príncipes sairão do Egito e a Etiópia estenderá as mãos para

---

<sup>103</sup> RABELO, 2006, p. 117.

<sup>104</sup> Ibidem.

Deus’.”<sup>105</sup> Além disso, como explana Rabelo,<sup>106</sup> é importante citar a referência etiopianista constante no hino da associação Garveyista:

No hino oficial da UNIA, “The Universal Ethiopian Anthem” (O Hino Etíope Universal), composto por Burrell and Ford, pode-se observar claramente as noções de Etiopianismo e o desejo de repatriação e não apenas uma conexão cultural com a África, como acontecia antes de Thorne e Garvey. Aliás, no artigo 40 da Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo promulgada em Nova York em 15 de agosto de 1920, durante a Primeira Convenção Internacional dos Negros do Mundo, está declarado que o referido hino anteriormente chamado “Ethiopia, Thou Land of Our Fathers” (Etiópia, Tu Terra de Nossos Pais) deveria ser o hino de toda a raça Negra.

No cenário aqui estudado, a ideia de raça está intrinsecamente ligada à ideia de nação. Um dos objetivos da UNIA era “estabelecer uma nação central para a raça”, conforme consta no Manifesto desta associação. Considerando tal meta, Danilo Rabelo, referindo-se a Garvey, infere que “apesar de clamar pelo orgulho da raça e de sua ancestralidade africana, ele valorizava o pensamento ocidental como forma superior de cultura e civilização.”<sup>107</sup> Desse modo, o pensamento Garveyista estava também imbuído de certo paternalismo em relação à África, bem como apresentava traços de elitismo ocidental – os quais só se dirimiram com o passar das décadas e o advir de acontecimentos como as sucessivas independências dos países africanos – como evidencia o seguinte excerto de *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*:<sup>108</sup>

Se nós do mundo ocidental não nos interessamos pelo maior desenvolvimento dos Nativos africanos, isso significará que em cem anos historiadores e escritores nos dirão que o homem negro habitou uma vez a África, assim como o índio norte-americano uma vez habitou a América. Mas aqueles de nós que lideram são bem versados na civilização ocidental e estão determinados a que **o homem negro não seja uma criatura do passado, mas um homem de pleno direito do presente e um poder a ser considerado no futuro.** (grifo nosso)

Sendo assim, conforme Navarro Alvarado, “a consciência da África e sua necessidade em Marcus Garvey é muito distinta à de seus antecessores”, de modo que “a pauta que tensiona agora os elementos clássicos da tradição pan-negrista tem como novo elemento uma visão estruturada anticolonial e anti-imperial”.<sup>109</sup> Nesse sentido, a África simboliza um amplo intento de liberdade, ao mesmo tempo em que

<sup>105</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 61.

<sup>106</sup> RABELO, 2013, pp. 510-511.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 499.

<sup>108</sup> GARVEY, Marcus; JACQUES-GARVEY, Amy. *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*. Volume I. New York: Atheneum, 1971, p. 60, tradução nossa apud NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 176.

<sup>109</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 176.

está estreitamente ligada à competição a nível mundial, basilar para o pensamento sócio-histórico-racial Garveyista.

A escrita da história a partir da perspectiva Garveyista baseia-se fundamentalmente nos paradigmas de “*genocídio, extermínio e competição* como motores da *história* e como perigos concretos”.<sup>110</sup> A competição, para Garvey, era o “motor da história em si”. Desse modo, o historicismo em questão não seria puramente racial, mas racialmente relacional, isto é, derivado das tensões raciais e das relações de subjugação histórica a nível global imposta pela raça branca sobre as demais, além de levar em conta a hipótese de um futuro trágico que incluiria a *extinção da raça*. Nesse esteio, a África era interpretada simbolicamente como uma promessa de liberdade plena, a partir da qual seria possível participar da *competição* imperialista mundial como mais um agente legítimo, um par e um adversário respeitável. Dessa forma, a conclamação à união dos povos negros do mundo também assumia um tipo de justiça histórica, conforme é possível observar em fragmentos como o seguinte:<sup>111</sup>

Eu confio que cada um de vocês, portanto, perceberá que você tem um dever que incumbe a você; um dever que deveis cumprir, porque os nossos antepassados que sofreram, que sangraram, que morreram, tiveram esperanças que ainda não se concretizaram completamente. Eles esperavam que nós, como seus filhos, fôssemos livres, mas **também esperavam que seus países de origem também fossem livres** para seus filhos, netos e bisnetos em algum momento futuro. **É pela liberdade desse país** - nossa pátria - **que quatro milhões e meio de negros**, como membros da Associação Universal de Melhoramento do Negro, **estão trabalhando hoje**. (grifos nossos)

Navarro Alvarado estrutura o paradigma Garveyista correlacionando quatro principais conceitos: *raça, nação, autopreservação (genocídio) e competição*. Além de permearem os escritos e as ações políticas do movimento, projetados sobre os espaços africano e diaspórico, tais conceitos embasam o discurso da busca de *autonomia* necessária à *autopreservação e à sobrevivência*.<sup>112</sup> Outrossim, o autor alude a Achille Mbembe para que se analise esta relação conceitual enquanto *luta de raças*, a qual “estrutura o motor histórico da teoria Garveyista e do que Paget Henry (2000) chamou de seu historicismo racial”.<sup>113</sup> Segundo Alvarado<sup>114</sup>:

---

<sup>110</sup> Ibidem.

<sup>111</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 60. Trecho do discurso proferido por Marcus Garvey no Liberty Hall, Nova York, EUA (01/01/1922).

<sup>112</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, pp. 157-158.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 158.

<sup>114</sup> Ibidem.

A *competição* passa neste sentido pela *autopreservação*, o elemento central do *Garveyismo* que estrutura sua visão política e social. Em Garvey existe a aceitação de um *historicismo racial*, um motor estruturante da história que faz da expansão e da dominação uma necessidade e uma concorrência, cada *raça* busca seu bem-estar e, portanto, a lógica da história e da própria emancipação radicam na aceitação desta dinâmica e no conhecimento do papel histórico jogado nesse desdobrar.

Ao postular a competição como motor histórico, o Garveyismo engendra uma teoria da separação das raças, refutando sobremaneira todo tipo de assimilação na sociedade dominada pela raça branca e igualmente descartando a perspectiva integracionista na teia social estadunidense.<sup>115</sup> Neste ponto residem algumas das principais problemáticas da teoria Garveyista, como o reconhecimento das conquistas imperiais europeias através de uma ótica relativamente meritocrática, vendo nelas o resultado de ações organizadas, eficazes e, portanto, referências para o império negro idealizado. Conforme salienta Navarro Alvarado:<sup>116</sup>

Esta visão *Garveyista* tem sido colocada como uma reprodutora dos princípios do *Darwinismo Social* e de uma aceitação da diferença absoluta, que se traduz na proposição de uma **dinâmica histórico-racial da separação como necessidade resolutive do conflito**. Como estratégia da igualdade racial procura a separação entre raças principalmente no contexto Americano (BROOKS, 1996).

Destarte, há no Garveyismo uma “glorificação da *competição racial e técnica*”, bem como uma “admiração pela constituição dos poderes coloniais, do ímpeto histórico que eles representam e de seus ‘alcances’”, que representa “um dos pontos mais críticos do paradigma Garveyista”.<sup>117</sup> No que se refere à crítica Garveyista ao integracionismo racial e à miscigenação, dada a complexidade do tema, transcrevo abaixo o item “Assimilação de raça”, do livro *Philosophy and Opinions...*:<sup>118</sup>

Alguns líderes negros promoveram a crença de que em alguns anos os brancos decidirão assimilar suas populações negras; afundando assim todo o preconceito racial no acolhimento da raça negra na companhia social do branco. Esses líderes acreditam ainda que, pela fusão de preto e branco, um novo tipo surgirá, e esse tipo se tornará o americano e o caribenho do futuro. Essa crença é absurda. Acredito que os homens brancos devem ser brancos, os homens amarelos devem ser amarelos e os homens negros devem ser negros no grande panorama das raças, **até que cada raça, por sua própria iniciativa, se eleve ao padrão comum da humanidade**, de modo a obrigar o respeito e o apreço de todos, e assim permitir que cada um estenda a mão de boas-vindas sem poder ser preconceituoso contra o outro por qualquer condição infeliz ou inferior (sic).

**O homem branco da América não irá, de forma organizada, assimilar o negro, porque ao fazê-lo, ele sente que estará cometendo suicídio racial.**

<sup>115</sup> Ibidem, p. 159.

<sup>116</sup> Ibidem, grifo nosso.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>118</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 24.

Isso ele não está preparado para fazer. É verdade que ele exerce ilegitimamente um sistema de assimilação; mas tal assimilação, conforme praticada, é aquela que ele não está preparado para apoiar porque se torna preconceituoso contra sua própria prole, se essa prole for produto de preto e branco; portanto, para o homem branco, a questão das diferenças raciais é eterna.

Enquanto os negros ocuparem uma posição inferior entre as raças e nações do mundo, outros terão preconceito contra eles, porque será lucrativo para eles manter seu sistema de superioridade. Mas **quando o negro por sua própria iniciativa se elevar de seu estado inferior ao mais alto padrão humano**, ele **estará em posição de** parar de mendigar e orar, e **exigir um lugar que nenhum indivíduo, raça ou nação poderá negar-lhe**. (grifos nossos)

Assim, percebe-se que o ideal de separação das raças defendido pelo discurso Garveyista tem relação com a total descrença na viabilidade de uma sociedade racialmente integrada. É possível inferir, para além do darwinismo social mencionado, a influência de teorias deterministas e eugenistas ainda em voga no período, ou em franca ascensão em países europeus, como Alemanha e Itália, assim como em países como o Japão e os Estados Unidos. O excerto abaixo<sup>119</sup>, trazido por Danilo Rabelo, auxilia no entendimento desse tipo de posicionamento, sobre o qual deve haver atento rigor crítico:

Quanto às acusações de ligações entre Marcus Garvey e os líderes brancos radicais, poder-se-ia dizer que havia uma admiração mútua entre o líder jamaicano e os líderes brancos, porque ambos os lados estavam pregando a pureza das raças e renegando a miscigenação. Garvey os admirava também por sua falta de hipocrisia e seu racismo aberto. (...) Essas ações controvertidas de Garvey se baseavam no fato de que o líder da UNIA acreditava que os afrodescendentes deveriam deixar os brancos fazer o que quisessem na América, desde que os afro-americanos pudessem desenvolver uma nação na África.

Para mais, no que tange à lógica de competição de viés capitalista e imperialista operacionalizada pelo pensamento Garveyista, Wilson J. Moses declara que “Garvey acreditava que a capacidade da Europa para estabelecer o poder imperial e o poder industrial não era um acidente”<sup>120</sup>. Quer dizer, as conquistas imperiais e seus domínios territoriais foram possíveis porque os europeus supostamente teriam sido “melhor organizados, mais tecnicamente proficientes e mais desenvolvidos do que os sujeitos colonizados”. Em vista disso, Moses aduz:

<sup>119</sup> CRONON, E. David. *Black Moses: the story of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press 1969, p. 188-192 apud RABELO, 2013, p. 506.

<sup>120</sup> MOSES, W. J. *Creative Conflict in African American Thought*. Frederick Douglass, Alexander Crummell, Booker T. Washington, W. E. B. Du Bois, and Marcus Garvey. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 269 apud NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 159.

A solução para os problemas do mundo negro não foi protesto, mas *disciplina e competição*, e o cultivo de um ideal racial mais alto. Garvey acreditava que os povos africanos não tinham mais que culpa deles se não conseguissem jogar fora os grilhões do imperialismo ocidental.

Nesse esteio, de acordo com Alvarado, a competição diz respeito à “procura da configuração de um poder igual ou similar aos poderes ‘raciais’ imperiais, europeu e americano”, os quais “alcançaram seu lugar no mundo por seus próprios termos”<sup>121</sup>, ou seja, o ideal Garveyista visa a fundação de um império negro, equivalente em termos de poder aos impérios coloniais estabelecidos à época. A diferença residiria no fato de que este poder emanaria da raça negra enquanto *povo continental* e teria como uma finalidade a *proteção* de seu próprio povo, sistematicamente explorado e dizimado ao longo de séculos.

Segundo Alvarado, a *autopreservação* e a *sobrevivência* também estão no cerne do Garveyismo, levando em conta a posição do Negro em um contexto “adverso e racializante”, tais conceitos estruturam a filosofia Garveyista diferenciando-a da perspectiva Darwinista, isto é, “não defendendo um princípio de dominação sobre a alteridade, mas de *sobrevivência* para si, para o grupo, para a *raça*.”<sup>122</sup>

Em diversas passagens do ideário Garveyista delineado em *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*<sup>123</sup>, é perceptível que a luta pela redenção africana e pela autonomia política negra tem um caráter irrestrito e teoricamente implacável, cogitando-se inclusive o uso de força física, se necessário for, para a preservação civilizacional da humanidade, conforme segue:

Qualquer homem são, raça ou nação que deseja liberdade deve antes de tudo pensar em termos de sangue. Ora, até mesmo o Pai Celestial nos diz que “sem derramamento de sangue não pode haver remissão de pecados?” Então, como em nome de Deus, com a história diante de nós, esperamos redimir a África sem nos prepararmos – alguns de nós para morrer. Oro a Deus para que nunca usemos nossas proezas físicas para oprimir a raça humana, **mas usaremos nossa força física, moral e de outra forma para preservar a humanidade e a civilização.** Por mais de trezentos anos o homem branco tem sido nosso opressor, e ele naturalmente não vai nos libertar para a liberdade mais elevada – a verdadeira liberdade – a verdadeira Democracia. Nós temos que nos libertar.

Consoante explana Navarro Alvarado, “em Garvey não acharemos a possibilidade de uma negociação com poderes coloniais para a constituição do projeto político africano ‘apoiado e protegido’”<sup>124</sup>, diferentemente de outros intelectuais negros

<sup>121</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 160.

<sup>122</sup> *Ibidem*.

<sup>123</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 11.

<sup>124</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 161.

e pan-africanistas (como Edward W. Blyden). Para mais, “a independência e a autonomia em sua proposição são produtos e provas da própria independência Negra”<sup>125</sup>, sendo necessária uma autonomia em termos econômicos, sociais e políticos, a fim de que a idealizada nação negra seja responsável por seu próprio destino em todos os cenários. Nessa toada, a passagem abaixo transcrita de *Philosophy and Opinions* é bastante elucidativa:

Ficar para trás na vanguarda da civilização não provará nossas habilidades superiores. Ser subserviente à vontade e ao capricho das raças progressistas não provará nada de superior em nós. Estar satisfeito em beber da escória da taça do progresso humano não demonstrará nossa aptidão como povo para existir ao lado de outros, mas quando por nossa própria iniciativa começarmos a construir indústrias, governos e, finalmente, impérios, então e só então nós, como raça, provaremos ao nosso Criador e ao homem em geral que somos capazes de sobreviver e moldar nosso próprio destino.

Por fim, no que concerne ao princípio da sobrevivência que permeava o discurso Garveyista, no intuito de torná-lo inteligível é importante levar em conta o peso de alguns números trazidos por Hakim Adi<sup>126</sup>, relativos à violência racial no contexto histórico analisado:

O que é evidente é que, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, havia uma rede pan-africana incorporando novas figuras e mais antigas que se espalhava por três continentes. Houve também tentativas claras de organização em toda a África e na diáspora, bem como de desenvolver publicações que pudessem falar sobre os problemas enfrentados por milhões de africanos em todo o mundo: domínio colonial, as variadas formas de opressão econômica, social e política e o onipresente racismo antiafricano. **Nos Estados Unidos, por exemplo, mais de 1.100 homens, mulheres e crianças afro-americanos foram assassinados por grupos racistas entre 1900 e 1914**, e muitos mais foram atacados e feridos. Foi relatado que havia dois assassinatos racistas desse tipo toda semana. Isso além da segregação amparada por lei e discriminação que ocorria em todo o país, particularmente nos estados do sul durante esse período.

Percebe-se invariavelmente, no pensamento Garveyista, uma resposta à sistemática violência racial que ocorria no contexto estadunidense, mas não somente neste, pois a abrangência desta forma de violência era (e ainda é) mundial. Havia, assim, uma real preocupação maior com a própria sobrevivência em um ambiente social tão opressor e potencialmente letal. O trecho abaixo de *Philosophy and Opinions*<sup>127</sup> mostra a relevância do amor próprio no indivíduo e na comunidade negra para a manutenção da mesma:

Chegou a hora para aqueles de nós que têm a visão do futuro para inspirar nosso povo a um parentesco mais próximo, a um amor mais próximo de si

<sup>125</sup> Ibidem.

<sup>126</sup> ADI, 2022, pp. 76-77.

<sup>127</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 51.

mesmo, porque é somente por meio dessa apreciação de si mesmo que seremos capazes de ascender a essa vida superior. Isso fará de nós não uma raça extinta no futuro, mas uma raça de homens aptos a sobreviver.

### 3.2. Nação e o *Imperialismo Teórico Negro* (Immanuel Geiss) de viés capitalista

Partindo da premissa de que “a maior arma usada contra o negro é a desorganização”<sup>128</sup>, é nítido que a luta pela sobrevivência da raça negra passava essencialmente pela organização coletiva em torno da ideia de uma nação Negro-africana. Em outro momento, na publicação ora analisada (*Philosophy and Opinions...*) há esta significativa declaração: “Mostre-me uma nação bem organizada e eu lhe mostrarei um povo e uma nação respeitada pelo mundo”.<sup>129</sup> Dessa forma, o chamado à construção da nação negra é reforçado constantemente, sendo os “quatrocentos milhões de negros do mundo” reiteradamente convocados nos moldes a seguir: “Vamos nos preparar hoje. Pois o amanhã na vida das nações será tão agitado que os negros de todos os lugares serão chamados a desempenhar seu papel na sobrevivência do grupo humano mais apto”.<sup>130</sup>

John Henrik Clarke, historiador estadunidense, a respeito do ativismo racial nacionalista Garveyista, tece os seguintes comentários<sup>131</sup>, contextualizando a ação política empreendida pelo líder jamaicano no período:

Em Filosofia e Opiniões, Marcus Garvey se perguntaria (...): “Onde está o governo do homem preto? Onde está seu rei e seu reino? Onde está seu presidente, seu país e seu embaixador, seu exército, sua marinha, seus homens de grandes negócios?” Ele não pode responder afirmativamente à pergunta, então decidiu fazer do governo do homem preto, rei e reino, presidente e homens de grandes negócios. Ele ensinou seu povo a sonhar grande novamente; lembrou-lhes que já foram reis e governantes de grandes nações e que voltariam a sê-lo. O grito “De pé raça poderosa, você pode alcançar o que deseja” foi um chamado ao homem preto para recuperar seu melhor eu e voltara entrar na corrente dominante da história mundial. Quando Marcus Garvey chegou aos Estados Unidos em 1916, a Primeira Guerra Mundial já havia começado. A migração de trabalhadores Negros do Sul para as novas indústrias de guerra no Norte e Leste dos Estados Unidos estava em pleno andamento. A insatisfação, o descontentamento e a frustração entre milhões de negros americanos estavam acelerando esta migração. A atmosfera e a condição estava bem preparada para a mensagem e o programa de Garvey.

A descrição da teoria política Garveyista trazida por Immanuel Geiss parece ser bastante pertinente para a presente pesquisa. Segundo o historiador alemão, trata-se

<sup>128</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>130</sup> Ibidem.

<sup>131</sup> CLARKE, John Henrik. Pan-africanismo, Poder Preto e História Preta. Tradução de Kahotep Shemsa Hefen. São Paulo: Editora Ananse, 2021, p. 135.

da “proposição de um *Imperialismo Teórico Negro* que projeta sua visão sobre África”<sup>132</sup>. Conforme Navarro Alvarado, a teoria de Geiss tem traços do “imperialismo *continental*, analisado por Hannah Arendt nas *Origens do Totalitarismo* (1989)”.<sup>133</sup> Em *Philosophy and Opinions* evidenciam-se as aspirações imperialistas de viés racial carregadas pelo Garveyismo:

As massas de negros na América, nas Índias Ocidentais, na América do Sul e Central estão de acordo com as aspirações dos nativos africanos. Desejamos ajudá-los a construir a África como um Império Negro, onde todo homem negro, nascido na África ou no mundo ocidental, terá a oportunidade de se desenvolver em suas próprias linhas sob a proteção das instituições democráticas mais favoráveis.<sup>134</sup>

Na esteira do referido viés imperialista que perpassa o pensamento Garveyista, cabe apontar o aspecto militarista que, conforme Wilson J. Moses desempenha papel estruturante neste modo de pensar o mundo. Segundo este autor, o militarismo era “um ingrediente essencial do Garveyismo”, promovendo “uma imagem de homens e mulheres negros marchando em passo de precisão em direção a um destino glorioso”.<sup>135</sup> Nessa linha, Navarro Alvarado disserta acerca do conceito de império no pensamento Garveyista:<sup>136</sup>

Nessa perspectiva fica mais clara a tensão dialética da apropriação do conceito império no *paradigma Garveyista*, que agora toma um maior sentido ao projetar-se em um território sujeito à *competição imperial* destrutiva e *autodestrutiva*, África é sujeita à *competição das nações* e sua saída – segundo Garvey – é transformar-se em uma *nação* que participe e ganhe nela. Mas como pode concretizar-se esta obrigação? Só voltando para a saída clássica *Pan-negrista*, um *sujeito modernizador* que salve a *nação* e a seus sujeitos.

Este *sujeito* é diferente ao de seus antecessores, agora é massificado, Garvey interpela a 400.000.000 de Negros, a *nação desterritorializada* que brilha no objetivo da redenção e do resgate. Ainda nesta troca a razão técnica e ocidental está unida ao *negro* das Américas e é nele onde reside a *potência*.

Complementarmente, a influência do ideário de fundo imperialista está relacionada ao próprio contexto histórico no qual foram desenvolvidas as ideias pan-africanistas. O Garveyismo surge cerca de três décadas após a Conferência de Berlim (1884-1885) e a famigerada Partilha da África – da qual saíram incólumes apenas Libéria e Etiópia –, o que denota não só sua proximidade histórica, mas sua simultaneidade com inúmeros episódios violentos relativos ao colonialismo europeu no continente africano. Danilo Rabelo evoca a pertinente análise do professor de

<sup>132</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 161.

<sup>133</sup> *Ibidem*, pp. 161-162.

<sup>134</sup> GARVEY; JACQUES GARVEY. *Op. cit.*, 1923, p. 55.

<sup>135</sup> MOSES, W. J. *Op. cit.*, p. 255 apud NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 162.

<sup>136</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 177.

Estudos Africano-Americanos Horace G. Campbell (1945-) ao analisar a significância do ideal de nação e do referencial imperialista para o desenvolvimento do Garveyismo e sua mobilização contra as posições eurocêntricas e branco-centradas dominantes no período em questão.<sup>137</sup>

Segundo Horace Campbell (1983), o Pan-Africanismo e o Garveyismo emergiram no final do século XIX quando o imperialismo capitalista repartiu a África entre as potências europeias. **Naquele período, os símbolos do orgulho racial estavam ligados à construção da nação e do Estado:** “Nacionalidade é a mais forte segurança de qualquer povo e é por ela que a UNIA luta hoje em dia... a UNIA procura por um governo independente para o Negro” (Garvey, 1967, p. 34). Por conseguinte, o Garveyismo mobilizou os pobres a desafiar a dominação europeia sobre a África e a depreciação dos povos africanos espalhados pela Diáspora. No nível ideológico, o Garveyismo confrontou a falsificação da história Africana, desafiando os intelectuais negros a romper com as concepções eurocêntricas de desenvolvimento humano (Campbell, 1994, p. 183). De fato, Garvey encorajou seus seguidores a reescrever sua história e a valorizar seus heróis e sua raça (*The Negro World*, 06/06/1925).

Para mais, o apoio ao sistema capitalista era outra marca do pensamento Garveyista. As dinâmicas políticas dos Estados imperialistas tidos como referências organizacionais para o Garveyismo estavam inseridas em um sistema nitidamente capitalista. Elogios ao bolchevismo foram veiculados no *The Negro World*, especificamente em relação à organização das massas oprimidas, tida como outra referência, neste periódico “o governo soviético russo é apoiado e existe aberta defesa do bolchevismo”.<sup>138</sup> Aos críticos que por esse posicionamento o taxaram de comunista, ele respondeu:

(...) “O Capitalismo é **necessário para o progresso deste mundo** e aqueles que são insensatos e só desejam se opor ou lutar contra ele são inimigos do avanço humano” (Garvey, 1967, p. 12 e 72). (...) Por outro lado, os apoiadores brancos da causa socialista acreditavam que os negros só poderiam compreender as ideias socialistas sob sua tutela (Campbell, 1994, p. 174).<sup>139</sup>

Além do mais, conforme acrescenta Rabelo, é possível afirmar que “o intenso nacionalismo e a estreita perspectiva racial colocavam o Garveyismo mais à extrema direita que à extrema esquerda”.<sup>140</sup> Entretanto, Navarro Alvarado aponta que “a teorização de Marcus Garvey passa pela operacionalização das ferramentas *imperiais* em favor do sujeito oprimido, segregado e contrário à maré colonial-imperial”<sup>141</sup>, o que

<sup>137</sup> CAMPBELL, Horace. *Garveyism, Pan-Africanism and African Liberation in the Twentieth Century*. In: LEWIS, Rupert & BRYAN, Patrick (ed.). *Garvey: his work and impact*. New Jersey: Africa World Press, 1994, p. 183 apud RABELO, 2013, pp. 500-501, grifos nossos.

<sup>138</sup> RABELO, 2013, p. 504.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 505, grifo nosso.

<sup>140</sup> Ibidem.

<sup>141</sup> NAVARRO ALVARADO, *op. cit.*, p. 168.

constitui uma significativa diferença em relação à extrema-direita, que tende à manutenção do *status quo* no que se refere à dominação pela raça branca.

Ainda segundo Alvarado, o Garveyismo “procura redefinir os contornos da modernidade política”, empreendendo “a reconfiguração da ideia imperial com sua proposição da superação do Estado-Nação, a afinidade racial e a configuração de uma identidade política não exclusivamente territorial.”<sup>142</sup> De modo geral, a filosofia Garveyista lança mão de conceitos típicos da modernidade – incluindo as promessas da *missão civilizadora* e da *missão nacional* – readaptando-os em conformidade com suas pretensões pan-africanistas ou nacionalistas negras, muito mais amplas do que um singular ideal nacional, o qual é superado pelo motor histórico adotado focado na sobrevivência da raça em meio à competição e o perigo (da intensificação) do genocídio. Nas palavras do historiador supracitado,<sup>143</sup> o projeto político Garveyista pode ser assim melhor compreendido:

(...) o *Pan-negrismo* e o *Pan-africanismo* se encontram em pontos de *redefinição* e *inflexão*, pontos que procuram substância epistêmica para um projeto político histórico que tem sua grande reflexão no *Garveyismo*. A criatividade radica na reconfiguração e invenção de novos conceitos que procuram um caráter abrangente, tanto pela condição extrema da qual fez seu motor, a *supervivência* contra o *genocídio*, como da história da qual é herdeira. No *Garveyismo* a massificação do programa *Pan-negrista* toma autoridade e se reivindica, mas a sua vez procura uma resposta satisfatória, em um momento em que precisa concretizar-se.

(...) Garvey era um hermeneuta crítico, sabia assim como seus predecessores *Pan-negristas* que as promessas da modernidade sempre eram contraditórias, seus projetos ou promessa da *missão civilizadora* e da *missão nacional*, eram só isso para os sujeitos oprimidos, simples promessas. Sua saída a esta contradição era a superação e reconfiguração da promessa (...). É neste sentido que Garvey procura superar o conceito do *nacional*, adotando o próprio motor que impulsiona este ideal para as nações coloniais.

Outrossim, Alvarado argumenta que o Garveyismo arquitetou uma versão própria do imperialismo e do império *como fim*. Nesta versão, “a diferença racializada de uma essência africana e do futuro político do chamado ‘império africano’”<sup>144</sup> demandava harmonia entre os indivíduos “civilizadores afrodescendentes” americanos e os “nativos africanos”, a fim de que se estabelecessem relações sociais cooperativas.<sup>145</sup> Nesse diapasão, a epistemologia Garveyista articula “a herança de uma imaginação política que pretende superar o Estado-nação como forma clássica organizativa.”<sup>146</sup>

---

<sup>142</sup> Ibidem.

<sup>143</sup> Ibidem.

<sup>144</sup> Ibidem, p. 279.

<sup>145</sup> Ibidem.

<sup>146</sup> Ibidem, p. 167.

#### 4. CAPÍTULO 3 – Amy Jacques Garvey e a agência histórica das mulheres negras Garveyistas

Consoante exposto, através de alguns dos mais marcantes discursos – segundo a própria autora/editora Amy Jacques Garvey sentença no Prefácio de *Philosophy and opinions of Marcus Garvey* – de Garvey e dos editoriais escritos por Amy Jacques ao *Negro World*, a pesquisa consiste em estudar as reflexões e ações de ambos, as quais delineiam o pensamento Garveyista de forma geral.

Sendo assim, é bastante relevante a constatação da historiadora estadunidense Keisha N. Blain, segundo a qual Amy Jacques Garvey e seu marido Marcus influenciaram-se intelectualmente de forma mútua. Mais do que isso, Amy teria ajudado Garvey a escrever seus discursos e artigos, podendo inclusive ser creditada como cocriadora do Garveyismo<sup>147</sup>. Assim, a pesquisa também busca pensar a agência histórica de Amy Jacques Garvey no âmbito da UNIA (*Universal Negro Improvement Association*) e do ativismo social empreendido sob diversos aspectos – administrativos, gerenciais, epistemológicos, editoriais etc. – cruciais para seu enraizamento no pensamento negro a nível mundial.

No que se refere à centralidade das mulheres na organização Garveyista, Hakim Adi assegura que elas foram imprescindíveis para o desenvolvimento da UNIA e podem ser consideradas a “espinha dorsal”<sup>148</sup> deste movimento pan-africano. Segundo o autor:<sup>149</sup>

As mulheres dominavam as organizações auxiliares da UNIA, como as Enfermeiras da Cruz Negra [*Black Cross Nurses*], Brigada Motorizada Africana Universal [*Universal African Motor Corps*] e muitos outros grupos formados dentro da UNIA. Cada ramo local da UNIA tinha uma “senhora presidente”, e as mulheres possivelmente formaram a maioria em muitas filiais locais. Entre as principais organizadoras estava Louise Little (1897-1953), a mãe de Malcolm X, que se juntou à UNIA em Montreal e depois foi secretária de uma filial em Omaha, tendo provavelmente desempenhado papéis semelhantes em Milwaukee. É até relatado que ela trabalhou diretamente com Garvey.

Ademais, as ideias e o ativismo das mulheres Garveyistas perpassam as páginas do jornal *The Negro World*, mais especificamente pela seção intitulada “*Our Women and What They Think*”, da qual Amy Jacques foi a editora entre 1924 e 1927.

<sup>147</sup> BLAIN, Keisha N. *Uncovering the Silences of Black Women’s Voices in the Age of Garvey*. African American Intellectual History Society (AAIHS). Disponível em: <<https://www.aaihs.org/uncovering-the-silences/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

<sup>148</sup> ADI, 2022, p. 85.

<sup>149</sup> Ibidem.

Neste período, ela também acumulou a liderança da associação Garveyista, a UNIA, visto que Marcus Garvey estava preso em decorrência da suposta fraude postal. Keisha Blain destaca que as mulheres desempenharam um papel crucial no movimento Garveyista e que a referida página “fornecia uma plataforma significativa para as mulheres da UNIA articularem suas visões sobre uma série de questões que afetam homens e mulheres negras na Diáspora”<sup>150</sup>.

Nessa esteira, no que se refere a esta página, é fundamental ressaltar suas diferenças em relação às “páginas das mulheres” de outros jornais ou revistas quanto à diversidade de temas abordados. Conforme analisa a historiadora Karen S. Adler<sup>151</sup>

Indo muito além dos assuntos domésticos (como receitas, produtos de “embelezamento”, etc., embora incluísse estes também), “Our Women” cobriu um formidável espectro de questões. Temas comuns incluíam lutas de libertação nacional no mundo todo, movimentos feministas e a mudança de status das mulheres em casa e no exterior, a luta pela libertação negra nos Estados Unidos, e a onda da mudança tecnológica (Matthews, 1979). Em seus editoriais Amy demonstrou uma amplitude notável e sofisticação de conhecimento sobre eventos mundiais. Ela escreveu extensivamente sobre movimentos de libertação anticolonial e assuntos mundiais em geral e sobre eventos econômicos, políticos e sociais no Egito, Índia, Grã-Bretanha, nas Índias Ocidentais, China e Palestina.

Nesta linha, Amy Jacques considerava um imperativo que as pessoas negras estivessem a par de assuntos internacionais e estivessem conscientes dos movimentos de libertação anticolonial em todo o mundo, pois havia muito a aprender destas lutas para suas próprias batalhas de libertação<sup>152</sup>.

Karen S. Adler postula que Amy Jacques Garvey é a mulher mais importante do Garveyismo. A autora assevera que, embora Amy não tenha tido um cargo oficial na UNIA, ela era uma incrível intelectual, oradora, escritora, ativista social e líder. Não, obstante, seu valor nunca fora totalmente reconhecido, sendo escassas as referências a ela<sup>153</sup>. Para mais, analisando os escritos de Amy Jacques no *Negro World*, Adler aponta que os editoriais da ativista jamaicana têm uma “teoria distintiva e um programa para a mudança social que demonstra uma sofisticada ‘consciência mulherista’”<sup>154</sup>.

---

<sup>150</sup> BLAIN, *op. cit.*, p. 4, (tradução nossa). “[...] In addition to serving as de facto leader of the UNIA, she was editor of the women’s page of the Negro World, ‘Our Women and What They Think’, providing a significant platform for UNIA women to articulate their views on a range of issues affecting black men and women in the Diaspora.”

<sup>151</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 359, tradução nossa.

<sup>152</sup> *Ibidem*.

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 346.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 347; 372. De acordo com Elsa Barkley Brown, o mulherismo, em contraste com o feminismo, “incorpora considerações raciais, culturais, sexuais, nacionais, econômicas e políticas”. (1989, p. 176)

#### 4.1. A multiplicidade de papéis no contexto do ativismo político Garveyista: Amy Jacques Garvey como editora, curadora e coautora do pensamento Garveyista

De acordo com Ula Y. Taylor, os editoriais escritos por Amy Jacques Garvey para o jornal *Negro World* refletiam suas opiniões acerca dos múltiplos papéis das mulheres dentro do movimento pan-africano Garveyista. Nestas produções textuais, Amy identificou “qualidades inatas das mulheres negras que lhes permitiam cumprir uma série de funções”.<sup>155</sup> Taylor afirma que, não por acaso, Amy possuía a maioria dessas características. Ou seja, Jacques Garvey “conscientemente personificava a síntese do tipo de mulher que a UNIA precisava”<sup>156</sup>, sendo uma mulher inteligente, diligente e disposta a se sacrificar para o benefício de sua casa, da comunidade e da nação.

Entretanto, tal sacrifício não deve ser romantizado ou relativizado, pois rotinas de trabalho exaustivas e contínuas a levaram a ter certos problemas de saúde. A questão é que Amy Jacques, a partir de sua própria experiência, projetava suas expectativas sobre outras mulheres. Consoante explica Ula Taylor:<sup>157</sup>

Inabalável como uma companheira para seu marido, ela esperava que todas as mulheres cumprissem esse papel, mesmo que isso lhes causasse desconforto. Ela sofreu como a esposa do líder do movimento, então ela esperava que outras mulheres carregassem cruzes similares. Por exemplo, produzir a página das mulheres “certamente [foi] uma dificuldade”. Ela teve que “trabalhar dezoito horas diariamente e às vezes [conseguiu] apenas três horas de sono”<sup>158</sup>. A falta de descanso era ampliada por outras enfermidades e ela frequentemente queixou-se de problemas oculares e foi “prejudicada” por uma doença prolongada; eventualmente, ela teve que passar por uma pequena operação não especificada.

Invariavelmente, Amy Jacques trabalhou em nome de Garvey até sua saúde física estar comprometida. Conforme Taylor, de modo semelhante a outras ativistas comprometidas, ela “consciente e inconscientemente se tornou um cordeiro sacrificial para as necessidades de Garvey e para os objetivos da UNIA”.<sup>159</sup> Nesse ponto, a historiadora Ula Y. Taylor afirma ser necessária a utilização de um conceito que melhor sistematize os posicionamentos políticos e sociais de Amy Jacques Garvey, é

<sup>155</sup> TAYLOR, Ula Y. *Op. cit.*, p. 120, tradução nossa.

<sup>156</sup> *Ibidem*.

<sup>157</sup> *Ibidem*.

<sup>158</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “Do Negro Women Want To Express Themselves?”, *Negro World*, 11 Abr. 1925, p. 7.

<sup>159</sup> TAYLOR, Ula Y. *Op. cit.*, p. 121, tradução nossa.

quando propõe o termo “feminismo comunitário”<sup>160</sup>. Para Taylor, “os atos de autossubordinação de Jacques-Garvey se desdobram em muitas formas”, de modo que tais circunstâncias requerem a criação de conceitos “para lidar com formas de feminismo aparentemente problemáticas, endêmicas de um momento histórico”.<sup>161</sup> Assim, o conceito de feminismo comunitário proposto por Taylor oferece um canal através do qual possam ser observadas as implicações das escolhas pessoais e do ativismo político de Amy Jacques Garvey.

Conforme a historiadora acima referida, apesar deste foco no papel da mulher enquanto companheira permeado pelo viés tradicional/conservador, “as feministas comunitárias são inegavelmente feministas”, haja vista que seu ativismo reconhece a configuração das relações de poder opressivas, “quebra alegações masculinistas de inferioridade intelectual das mulheres e busca empoderar as mulheres expandindo seus papéis e opções”.<sup>162</sup> Dessa forma, Ula Taylor aduz que o feminismo comunitário desafia a noção – dominante à época – de que os papéis de liderança e de esposa/companheira existam em contradição, acrescentando que a interação entre estes papéis aparece seguidamente nos escritos de Jacques Garvey.<sup>163</sup>

Em um editorial escrito em outubro de 1925, intitulado “Mulheres como Líderes Nacionalmente e Racialmente” (*Women as Leaders Nationally and Racially*), Jacques Garvey atestou que as exigências daquela época requeriam que as “mulheres ocupem seus lugares ao lado de seus homens”.<sup>164</sup> A partir dessa premissa, Amy anunciou uma “nova era de ativismo cívico feminino”<sup>165</sup>, na qual a liderança política, comunitária e familiar estaria a cargo das mulheres, de modo que os âmbitos

---

<sup>160</sup> É importante ressaltar o contexto do presente capítulo, cuja análise está situada no início da década de 1920 e focada no ativismo político de Amy Jacques Garvey. Isso porque não se deve confundir o conceito de Ula Y. Taylor de “feminismo comunitário” com o conceito homônimo criado pela pensadora e ativista Julieta Paredes, boliviana/aymara, pensando na luta organizada de mulheres de setores populares e indígenas da América Latina. “Sua construção parte da identificação de um patriarcado ancestral cuja estrutura é a complementariedade da noção *chacha-warmi* (homem-mulher), que não pode e nem deve ser confundida com a natureza do casal heterossexual ocidental. O par complementar proposto pelo feminismo comunitário inverte a posição dos termos para *warmi-chacha* (mulher-homem) e representa a estrutura simbólica das comunidades originárias e sua figuração enquanto complementariedade horizontal, com alta reciprocidade existencial, representacional e decisional.” Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 18.

<sup>161</sup> TAYLOR, Ula Y. *Op. cit.*, p. 121.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>164</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “Women as Leaders Nationally and Racially”, *Negro World*, 24 Out. 1925, p. 7.

<sup>165</sup> GOLDTHREE, Reena N.; DUNCAN, Natanya. “Feminist Histories of the Interwar Caribbean: Anti-colonialism, Popular Protest, and the Gendered Struggle for Rights.” *Caribbean Review of Gender Studies*, issue 12, 2018, p. 3, tradução nossa.

público e privado de suas vidas estivessem entremeados. Além disso, Amy declarou que as “mulheres das raças mais escuras estão saindo para ajudar seus homens a estabelecer uma civilização de acordo com seus próprios padrões e lutar pela liderança mundial”<sup>166</sup>. Nesse sentido, soma-se o seguinte excerto:<sup>167</sup>

Posicionando as mulheres na vanguarda das lutas entrelaçadas pela libertação racial e anticolonial, Jacques Garvey anunciou que o ativismo das mulheres poderia se estender além da política de protesto para a luta armada. “O tipo de mulher boneca-bebê é uma coisa do passado, e a mulher segue em frente preparada para todas as emergências e pronta para atender qualquer chamado, mesmo que seja para enfrentar os canhões no campo de batalha”. Em seu projeto de gênero para a libertação, mulheres “das raças mais escuras avançariam a luta “para a vitória e para a glória”.

Ademais, conforme expõe Karen Adler, embora Amy Jacques possa ter acreditado ou aceitado em um primeiro momento que seu “papel principal era como companheira” de Marcus Garvey, ela não se ateu a este papel por muito tempo e “rapidamente tornou-se uma força central no movimento Garveyista”.<sup>168</sup> Conforme Ula Taylor, “o encarceramento de seu marido criou um novo conjunto de circunstâncias para Jacques Garvey”.<sup>169</sup> Até este momento, o casal vinha sendo guiado pela educação tradicional jamaicana, a qual estipulava que as esposas deveriam ser companheiras comprometidas.<sup>170</sup> Segundo Taylor:

Jacques Garvey estava orgulhosa de reivindicar a identidade de companheira de Garvey; porém após a condenação dele, ela se tornou o foco de atenção pública, e, nesse momento, a chefe não oficial da organização. Ao enfrentar este desafio, ela se revelou ser uma líder e intelectual da luta pan-africana altamente capaz e carismática.

Karen S. Adler argumenta que Amy Jacques Garvey era tão importante quanto Marcus Garvey para seu movimento, devendo ser considerado primordial seu papel ao lado do de Marcus. Em seu livro *Garvey and Garveyism* (1983), Amy alega que “uma porção significativa dos discursos, escritos, e até mesmo o pensamento de Garvey era resultado de seus esforços”.<sup>171</sup> Nesta obra, é relatado como Marcus pedia a Amy para que lesse revistas e jornais em busca de artigos importantes e então explicasse o conteúdo e a significância destes para ele.

<sup>166</sup> JACQUES GARVEY, “Women as Leaders Nationally and Racially”, *op. cit.*, p. 7.

<sup>167</sup> GOLDTHREE; DUNCAN. *Op. cit.*, p. 3.

<sup>168</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 353

<sup>169</sup> TAYLOR, *op. cit.*, pp. 104-105.

<sup>170</sup> *Ibidem.*

<sup>171</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 353

De acordo com a historiadora supracitada, Marcus Garvey, por sua vez, utilizaria este material como base para “seus” discursos e artigos de primeira página, bem como “buscaria as opiniões de Amy antes de ir para a imprensa”.<sup>172</sup> Além disso, ele também incorporou nos seus discursos informações extraídas de artigos escritos por Amy para o *Negro World*. Dessa forma, Adler sustenta que “Amy claramente teve um impacto profundo no pensamento de Marcus e foi indubitavelmente uma cocriadora, se não a criadora, de aspectos da filosofia Garveyista”.<sup>173</sup>

Ao examinar o pensamento feminista e nacionalista negro de Amy Jacques Garvey, Ula Taylor observa que através da inserção dos ideais nacionalistas dentro de um paradigma feminista, a jornalista e pensadora jamaicana foi capaz de manter a crise advinda do encarceramento de Garvey no centro de seus esforços, sem deixar de lado sua intelectualidade. Conforme Taylor explica:<sup>174</sup>

Nos editoriais de Jacques-Garvey, (...) ela expressava seu feminismo como um pilar da plataforma da UNIA. Embora os Garveyistas imaginassem uma comunidade de gênero inerentemente fundamentada em um sistema de diferenças, Jacques-Garvey contestava as categorias e papéis socialmente construídos, os quais limitavam o desenvolvimento pessoal e intelectual das mulheres; seu feminismo tornou-se não apenas um meio para criticar homens negros, mas também serviu como peça-chave para unir todas as mulheres negras para alcançarem todo o seu potencial para a nação negra imaginada.

Segundo a historiadora retro citada, os escritos de Amy Jacques exemplificam como uma mulher relacionou habilmente aquilo que “observadores contemporâneos veem como intrinsecamente forças opostas”<sup>175</sup>: nacionalismo e feminismo. O primeiro, antes de mais nada defendia a liberdade popular e soberania a fim de alcançar a autodeterminação; o feminismo, por sua vez, uma doutrina ligada à luta por igualdade de direitos para as mulheres que se opunha à opressão e à subordinação das mulheres. Jacques Garvey, portanto, reuniu nacionalismo negro e feminismo em uma construção teórica, produzindo o que Taylor denominou de feminismo comunitário. A autora esmiuça este conceito da seguinte forma:<sup>176</sup>

Ao passo que as escolhas e a vida pessoal impediram muitas feministas e estudiosos de Garvey de reconhecê-la [Amy Jacques Garvey] como uma feminista ideal, seus escritos sugerem que ela era uma precoce e significativa feminista comunitária. Essencialmente, feministas comunitárias são mulheres que podem ou não viver em casas com chefe de família homem; de qualquer maneira, seu ativismo é focado em assistir homens e mulheres em suas vidas

---

<sup>172</sup> Ibidem, pp. 353-354.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 354.

<sup>174</sup> TAYLOR, *op. cit.*, p. 105.

<sup>175</sup> Ibidem.

<sup>176</sup> Ibidem.

– sejam maridos ou irmãs, pais e mães, filhos e filhas – juntamente com a iniciativa e a participação em atividades para ascender suas comunidades.

Adicionalmente, conforme o historiador Claudius K. Fergus, o empoderamento das mulheres Garveyistas em igualdade de condições com os homens era contrário à cultura globalizada de discriminação de gênero vigente no período. Fergus afirma tratar-se de uma “ideia revolucionária que reconheceu o papel de liderança das mulheres na luta contra a escravidão e o colonialismo no Caribe”.<sup>177</sup> Além disso, essa política de gênero atraiu muitas mulheres capazes e inteligentes para servir como Garveyistas da linha de frente e avançar como líderes pan-africanas por direito próprio.<sup>178</sup>

Entretanto, diferentemente da posição progressista e coerente de Amy Jacques em relação às mulheres e seus diferentes papéis sociopolíticos, Marcus Garvey mostrou-se “extremamente ambivalente”<sup>179</sup> em relação ao papel de Amy (e mesmo das mulheres) no movimento. Consoante esclarece Karen Adler, ao mesmo tempo em que Garvey defendia abertamente a participação das mulheres no Garveyísmo – e confiava fortemente no suporte intelectual e emocional de Amy –, ele claramente a via como uma ajudante em *seu* trabalho.<sup>180</sup>

Outrossim, no intuito de garantir que os leitores do *Negro World* percebessem a diferença de sua posição para a visão tradicionalmente patriarcal de Marcus, Amy Jacques reafirmou em diversos editoriais que as “mulheres não devem ter seus papéis negados como intelectuais e arquitetas políticas”.<sup>181</sup> A título de exemplo, no editorial “No Sex in Brains and Ability”, publicado em dezembro de 1924, Amy escreve:

(...) alguns homens declaram que as mulheres devem permanecer em suas casas e deixar profissões e legislação para os homens, mas esta é uma crença antiquada, e [ela] foi explodida pela competência da mulher nestes novos campos e ainda mais pelo fato de que seus lares não têm sofrido pela divisão de seu tempo e interesse.<sup>182</sup>

Outro importante dado trazido por Adler é que Amy Jacques Garvey era uma “excelente oradora”<sup>183</sup>, tendo discursado muitas vezes em viagens com e sem Marcus

<sup>177</sup> FERGUS, Claudius. “From Prophecy to Policy: Marcus Garvey and the Evolution of Pan-African Citizenship.” *The Global South*, vol. 4, no. 2, 2010, p. 31, tradução nossa.

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 354.

<sup>180</sup> *Ibidem*.

<sup>181</sup> TAYLOR, *op. cit.*, p. 112.

<sup>182</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “No Sex in Brains and Ability”, *Negro World*, 27 Dez. 1924, p. 8, tradução nossa.

<sup>183</sup> MARTIN, Tony. *Marcus Garvey: Hero*. Dover: Majority Press, 1983, p. 126 apud ADLER, *op. cit.*, p. 354.

Garvey – isto a partir do momento em que ele foi detido, assim arrecadando fundos para as custas judiciais e ajudando a manter a organização ativa. Adler menciona o episódio em que Amy foi ovacionada pelo público em Nova York, e após seu discurso, Marcus sobe ao palco e afirma: “Agora eu tenho uma rival, mas eu estou feliz que ela é minha esposa”.<sup>184</sup> Posteriormente, embora Garvey tenha reconhecido o “nobre sacrifício pela causa” feito por Amy Jacques – em mensagem ao *Negro World* enquanto estava preso, Adler afirma que ele falhou em demonstrar a Amy sua apreciação pelos esforços da esposa. Conforme a historiadora citada:

A relação de Amy com Marcus reflete a experiência de muitas mulheres no movimento de Garvey. Embora a UNIA defendesse direitos iguais para as mulheres, as mulheres da UNIA muitas vezes reclamaram que eram injustamente relegadas à posição de papéis de apoio na organização. Essa foi uma das queixas que elas apresentaram na convenção internacional da UNIA em 1922. Apesar do compromisso teórico da UNIA com a igualdade sexual, o sexismo parecia prosperar dentro de suas fileiras. Contudo, assim como Amy Jacques Garvey, as mulheres da UNIA conseguiram encontrar seus nichos dentro do movimento e prestaram inestimáveis serviços à causa.

Outro ponto que merece menção é que não se trata de um traço específico do nacionalismo ora estudado – nacionalismo negro Garveyista – a estrutura majoritariamente patriarcal, observada por exemplo na escassez de mulheres em funções de liderança, devido às restrições dos próprios movimentos nacionalistas.

Segundo Ula Taylor, a noção de Amy Jacques de que as mulheres devem ser companheiras e líderes na luta pan-africana vai de encontro à visão comum de que, historicamente, os homens têm determinado com exclusividade as atividades para as mulheres dentro dos referidos movimentos.<sup>185</sup> Segundo a cientista política Cynthia Enloe, nestes casos as mulheres “foram tratadas mais como símbolos do que como participantes ativas pelos movimentos nacionalistas organizados para combater o colonialismo e o racismo”.<sup>186</sup> Tais movimentos podem ser caracterizados, portanto, como “nacionalismos patriarcais”.

Para mais, Ula Taylor argumenta que Jacques Garvey simultaneamente aceitava e rejeitava os códigos do patriarcado. Exemplificadamente, a residência dos Garvey, assim como a maioria das casas na década de 1920, tinha parâmetros para a esposa, companheira, mãe e filha, baseados em princípios patriarcais.<sup>187</sup> Além

<sup>184</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 354.

<sup>185</sup> TAYLOR, *op. cit.*, p. 106.

<sup>186</sup> ENLOE, Cynthia. *Bananas, Beaches, and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. London: Pandora, 1989, p. 42 apud TAYLOR, *op. cit.*, p. 106.

<sup>187</sup> TAYLOR, *op. cit.*, p. 107.

disso, a historiadora assevera que as mulheres negras “acreditavam ter uma obrigação moral adicional de serem eficientes donas de casa”<sup>188</sup>, isso porque suas responsabilidades domésticas em relação aos maridos e filhos eram consideradas de suma importância para o progresso racial. Não obstante, um tema recorrente nos editoriais de Amy era a crença de que a família patriarcal estava se tornando arcaica no mundo inteiro, considerando que as tecnologias modernas tornavam possível e mesmo necessário para as mulheres participar e contribuir em todas as esferas da vida.<sup>189</sup>

Consoante preconiza a historiadora Stephanie J. Shaw, neste contexto, as mulheres negras passaram a conceber seus papéis públicos e privados como “complementares em vez de contraditórios”.<sup>190</sup> Nessa esteira, Taylor afirma:<sup>191</sup>

Em uma comunidade afrocêntrica, pegando emprestado da historiadora Elsa Barkley Brown, “comunidade é família”.<sup>192</sup> Por conseguinte, o comportamento doméstico de Jacques Garvey não deveria ser visto como um reflexo de sua inabilidade de desafiar o patriarcado francamente ou tomar uma posição crítica contra seu marido, mas mais como uma expressão estratégica de seu talento de transitar entre sua família e o mundo exterior. Ao fazer isso, ela junto com outras mulheres negras dominou o feminismo comunitário. Um exame dos editoriais de Jacques-Garvey revela sua marca em particular do feminismo comunitário e como suas escolhas familiares eram políticas e levaram, em última análise, à sua transformação de secretária pessoal, editora e esposa para uma líder indispensável dentro da UNIA durante a década de 1920.

No que se refere ao tempo em que Amy Jacques tornou-se a líder não-oficial da UNIA, Karen Adler assegura ser virtualmente impossível mensurar o montante de trabalho que Amy realizou neste período. Além de discursar por todo o país levantando fundos para a defesa de Marcus, ela se reuniu constantemente com oficiais e funcionários da UNIA, organizou assuntos e conferências da associação Garveyista, foi editora associada do jornal *Negro World* e responsável pela “página das mulheres”, para a qual escrevia artigos regulares e editoriais. Para mais, Amy trabalhou incansavelmente com os advogados para libertar Marcus da prisão, editou e publicou *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (bem como duas obras de poesias de

<sup>188</sup> Ibidem.

<sup>189</sup> MATTHEWS, Mark D. "Our Women and What They Think": Amy Jacques Garvey and *The Negro World*. *Black Scholar: Journal of Black Studies and Research* 10, no. 8/9, 1979, pp. 2-18 In ADLER, *op. cit.*, p. 360.

<sup>190</sup> SHAW, Stephanie J. *What a Woman Ought to Be and to Do: Black Professional Women Workers during the Jim Crow Era*. Chicago: University of Chicago Press, 1996, p. 111.

<sup>191</sup> TAYLOR, *op. cit.*, pp. 107-108.

<sup>192</sup> BROWN, Elsa Barkley. "Mothers in Mind," in *Double Stitch: Black Women Write about Mothers and Daughters*, ed. Patricia Bell-Scott et al. New York: Harper Perennial, 1991, p. 87.

Garvey: *The Tragedy of White Injustice e Selections from the Poetic Meditations of Marcus Garvey*), além de visitar seu marido a cada três semanas em Atlanta, para onde foi enviado em fevereiro de 1925, após a improcedência dos recursos.<sup>193</sup>

De mais a mais, cumpre sublinhar que sendo uma Garveyista, a política de raça e classe teorizada e praticada por Amy Jacques Garvey era mais radical do que aquela de reformistas negros de sua época (homens e mulheres). Adler aponta que os movimentos pelo progresso racial negro do início do século XX eram liderados principalmente por homens negros de classe média, os quais defendiam igualdade e mobilidade social para as pessoas negras estadunidenses no interior da ordem social existente. Muitos destes líderes, tentaram inculcar um senso de distinção típico da classe média nos mais pobres. Por outro lado, o movimento Garveyista era composto essencialmente pela classe de trabalhadores urbanos e refutou os valores burgueses da sociedade branca: “na crença de que o racismo branco era inevitável, Garveyistas empenharam-se para estabelecer uma sociedade preta independente”.<sup>194</sup>

#### **4.2. *Our Women and What They Think*: o jornal *The Negro World* e o espaço ocupado pelas mulheres na imprensa negra Garveyista**

Conforme Karen S. Adler, o ativismo social de Amy Jacques Garvey e seus escritos no jornal *Negro World* são reflexos de uma tradição de longa data entre as mulheres negras nos Estados Unidos para o avanço da igualdade racial, de gênero e de classe. Adler destaca que, embora essas mulheres historicamente trabalhassem dentro de movimentos para o progresso racial, “isso dificilmente significava que elas não tivessem consciência das opressões de gênero e classe”.<sup>195</sup> Dessa forma, as mulheres negras estavam muito atentas aos efeitos sobrepostos do racismo, do sexismo e do classismo em suas vidas. Em linhas gerais, tal fenômeno social foi posteriormente conceituado como *interseccionalidade* por Kimberlé Crenshaw<sup>196</sup>.

---

<sup>193</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 355.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 357.

<sup>195</sup> *Ibidem*.

<sup>196</sup> Cfe. Kimberlé Crenshaw, “as desigualdades relacionadas à classe, gênero ou raça não são simplesmente possíveis de hierarquização: é a interação dessas categorias que atuam na produção e manutenção das desigualdades.” RIOS, F.; SOTERO, E. Apresentação: Gênero em perspectiva interseccional. *Plural, [S. l.]*, v. 26, n. 1, 2019, p. 2. Adicionalmente, “segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro.” AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 14.

Nesse sentido, Adler explana acerca da abordagem destas múltiplas questões pelas mulheres negras especificamente no contexto de movimentos raciais:<sup>197</sup>

Mulheres negras abordavam questões de raça, gênero e classe dentro do contexto de organizações unirracionais principalmente por causa da discriminação racial no movimento das mulheres brancas, por problemas específicos que as mulheres negras enfrentavam (incluindo acusações generalizadas de imoralidade e depravação), bem como pela ascendência da consciência racial e da filosofia de autoajuda entre os negros americanos durante o final do século XIX.

Em razão do racismo, do sexismo e do classismo sempre terem operado como “sistemas de controle interdependentes”<sup>198</sup> nas vidas das mulheres negras, reformadoras negras historicamente têm tratado essas questões como inextricavelmente conectadas ao seu trabalho.

Para mais, Amy Jacques Garvey acreditava que devia ser discutida e trabalhada pelas mulheres uma amplitude de temas que afetavam em diferentes níveis as comunidades negras, como “pobreza, condições precárias de saúde, bem estar infantil, violência de turba e segregação racial”. Para Amy, tais questões eram tão importantes para o ativismo político-social das mulheres quanto o sufrágio feminino e a ampliação da educação formal das mulheres, uma vez que configuravam estratégias para o progresso da raça negra como um todo.<sup>199</sup>

De acordo com Taylor, Amy Jacques entendia que uma agenda nacionalista requeria um entendimento geral de assuntos mundiais, sobretudo as atividades de mulheres cujos status tenham mudado substancialmente.<sup>200</sup> Assim, seus escritos cobriam uma ampla gama de questões, refletindo sua crença de que era imprescindível para as mulheres negras situar seu ativismo em um contexto global.<sup>201</sup>

Além disso, Jacques Garvey escreveu sobre a exploração econômica das pessoas não-brancas nos Estados Unidos e por todo o mundo. Conforme Adler, ela entendia que os imperialistas brancos dizimaram as economias nativas dos povos do Terceiro Mundo assim como os capitalistas e industrialistas brancos exploravam os trabalhadores negros em território estadunidense.<sup>202</sup> As análises econômicas, sociais e políticas de Amy se assemelhavam às de Garvey sobremaneira. Todavia, diferentemente de Marcus, Amy sistematicamente aplicava suas análises focada nas

<sup>197</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 357.

<sup>198</sup> KING, Deborah K. Multiple jeopardy, multiple consciousness: The context of a Black feminist ideology. In *Black women in America: Social science perspectives*. Editado por: Micheline R. Malson, Elisabeth Mudimbe-Boyi, Jean F. O’Barr, e Mary Wyer. Chicago: University of Chicago Press, 1988, p. 270.

<sup>199</sup> BROWN, Elsa Barkley. *Op. cit.*, 1989 In ADLER, *op. cit.*, p. 357.

<sup>200</sup> GUY-SHEFTALL, Beverly, (ed.). *Op. cit.*, p. 89, tradução nossa.

<sup>201</sup> *Ibidem*, pp. 89-90.

<sup>202</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 359.

mulheres negras, reconhecendo que suas experiências de opressão eram, muitas vezes, distinguíveis das dos homens negros.<sup>203</sup>

Para Adler, o ponto mais marcante sobre a postura ideológica de Amy Jacques em *Our Women and What They Think* (*Nossas Mulheres e o que Elas Pensam*) é a conexão fundamental que ela faz entre o movimento nacionalista e o movimento de libertação das mulheres. Ela acreditava que as mulheres negras e as mulheres dos países do chamado Terceiro Mundo representavam as espinhas dorsais de seus respectivos movimentos independentistas. A esse respeito, Adler coloca o seguinte:<sup>204</sup>

As lutas das mulheres de cor contra a dominação imperialista, combinadas com suas próprias batalhas por libertação em andamento, em última análise poderiam humanizar e transformar o mundo, de acordo com Amy. Este reconhecimento de vínculos elementares entre as opressões racial, de gênero, de classe e imperialista e do papel central que as mulheres desempenharam nos movimentos de libertação humana representa, a meu ver, a contribuição mais notável de Amy Jacques Garvey para o Garveyismo.

A partir de sua determinação de que as mulheres poderiam rearranjar as práticas de gênero de suas comunidades em direções feministas, no editorial intitulado “A Função das Mulheres na Vida”, Amy indagou “se o lugar da mulher é em casa, nos negócios, na política ou na indústria.”<sup>205</sup> Conforme Ula Taylor traz<sup>206</sup>, mesmo compreendendo que o status das mulheres poderia variar de acordo com as diferenças culturais de cada país, Amy afirmou: “os acontecimentos atuais nos convencem de que as mulheres (...) estão fazendo sua presença ser sentida em todas as esferas da vida”. Neste mesmo escrito, ela ainda arguiu que “a mulher de hoje tem lugar em quase todas as fases da vida do homem”, ao passo que “onde tal lugar ainda não esteja devidamente estabelecido, sua voz é ouvida a esse respeito”.<sup>207</sup>

A seção *Our Women and What They Think*, publicada de fevereiro de 1924 até abril de 1927, era composta por um ou dois editoriais escritos por Amy Jacques Garvey, artigos escritos por leitoras e mulheres integrantes da UNIA, cartas de leitoras para “Our Letterbox” (Nossa Caixa Postal), dicas domésticas e receitas, bem como

---

<sup>203</sup> *Ibidem*, p. 360.

<sup>204</sup> *Ibidem*.

<sup>205</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “Women’s Function in Life”. *Negro World*, 19 Dez. 1925, p. 7, tradução nossa.

<sup>206</sup> TAYLOR, *op. cit.*, pp. 111-112.

<sup>207</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “Women’s Function in Life”. *Op. cit.*

anúncios de produtos, como “Reducing Cinta”, da Madame Bess Corset Company.<sup>208</sup> No que concerne aos produtos anunciados, Danilo Rabelo lembra que “Garvey não permitia anúncios de produtos que não valorizassem a natural beleza africana, como os fabricantes de alisadores de cabelo nas publicações da UNIA”.<sup>209</sup>

A escritora Teresa Zackodnik ressalta alguns dos diferenciais da coluna de Jacques Garvey no jornal *Negro World*. Dentre eles, “a coluna de montagem ou colagem, a qual se dirigia às leitoras como parte de uma política internacionalista negra afiliada, mas indo além do Garveyismo”.<sup>210</sup> Além disso, Zackodnik destaca a importância da recirculação de notícias de periódicos internacionais ou mesmo da imprensa nacional em *Our Women and What They Think*. Conforme a autora, foram republicadas reportagens sobre assuntos como “A Vida Pública das Mulheres Filipinas”, a “Lei dos Trabalhadores Emigrantes de 1924 nas Índias Ocidentais”, assim como sobre os direitos das mulheres em países como a Estônia, Japão, Turquia, Rússia, Polônia e China.<sup>211</sup>

Nesse ponto, Zackodnik afirma que a recirculação na página editada por Amy funcionou para criar um público que compreendia o Garveyismo similar a muitos ao redor do mundo que lutavam por independência e direitos iguais, possibilitando, dessa forma, uma perspectiva global das lutas locais. Nesta ótica, as mulheres eram tidas como “essenciais para a política negra internacionalista e nacionalista”.<sup>212</sup> Consoante Zackodnik, em sua página, Jacques Garvey fez uso da recirculação para estabelecer conexões politizadas sem necessariamente incluir comentários editoriais. Outrossim, as escolhas de notícias a recircular frequentemente eram relativas aos direitos das mulheres. Entretanto, Zackodnik complementa:<sup>213</sup>

“Our Women” também recirculou artigos sobre trabalho, a Liga das Nações, nacionalismo e império, a ascensão do “Oriente” na política mundial, a indústria e o “excesso de mulheres” na Grã-Bretanha, a lei do divórcio em Moscou, a reforma do vestuário na Turquia e o sindicalismo na China, para citar apenas algumas reimpressões que ofereciam aos leitores de “Our Women” uma perspectiva internacional sobre mulheres, trabalho e política mundial. As escolhas de recirculação de Jacques Garvey vinham de uma seleção diversificada de jornais do mundo todo e também notícias distribuídas pela Associated Press, Lincoln News Service e World’s Bureau. Em todo o

<sup>208</sup> ZACKODNIK, Teresa. “Recirculation and Feminist Black Internationalism in Jessie Fauset’s “The Looking Glass” and Amy Jacques Garvey’s “Our Women and What They Think”.” *Modernism/modernity*, vol. 19, no. 3, 2012, p. 445, tradução nossa.

<sup>209</sup> RABELO, 2013, p. 517.

<sup>210</sup> ZACKODNIK, *op. cit.*, p. 445

<sup>211</sup> *Ibidem*.

<sup>212</sup> *Ibidem*.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 447, tradução nossa.

caso, Jacques Garvey encorajou as leitoras a guardar os jornais que estavam lendo, “coloque um embrulho e envie pelo correio” para outras pessoas”, inclusive para ela no *Negro World*.

Subsequentemente, Teresa Zackodnik constata que a página *Our Women and What They Think* foi única não somente por sua montagem textual e recirculação, mas também pelo fato de que, diferentemente de outras colunas existentes na imprensa negra, foi “concebida para ser colaborativa, a cocriação de sua editora e das leitoras do *Negro World*.”<sup>214</sup> Nesse diapasão, Amy exortava a participação das mulheres negras “de todos os climas” e incentivava especificamente aquelas mais instruídas a serem solidárias às mulheres sem o domínio pleno da lectoescrita:

Aquelas de nós, que, infelizmente, não podem se expressar no papel, podem conseguir alguém que esteja melhor equipado para vestir nossos sentimentos em linguagem apropriada e enviá-los ao nosso escritório... É de comum conhecimento que alguns dos mais belos sentimentos e grandiosas ideias emanam do cérebro de mulheres que tiveram pouquíssima educação.<sup>215</sup>

Conforme afirmou Jacques Garvey no editorial “Have a Heart”, publicado em 1924, as expressões e opiniões reiteradamente solicitadas às leitoras do *Negro World* tinham o poder de “ajudar materialmente a raça”.<sup>216</sup> Consoante Zackodnik, mulheres de todos os Estados Unidos da América, e de países como Libéria, África do Sul, Panamá, Jamaica, Haiti e Cuba escreveram artigos, poesias e cartas destinadas à página dirigida por Amy. Aproximadamente trinta e três mulheres colaboraram para a página de alguma forma ao longo dos cerca de três anos de duração da seção *Nossas Mulheres e O Que Elas Pensam*.<sup>217</sup>

Zackodnik realça, ainda, que *Our Women and What They Think* foi pioneira em sua “multivocalidade e pela sensação de amplo alcance geográfico que transmitia”.<sup>218</sup> Para a autora, essa sensação de muitas vozes advindas de todo o mundo era primordial para a política que a UNIA trabalhava para colocar em prática. Sendo assim, referente à função que esta página das mulheres desempenhou, é possível pensar os “textos e sua circulação não apenas como argumentos ou políticas comunicativas, mas sim moldando ativamente uma política”.<sup>219</sup> Nessa linha, a historiadora supracitada explana o que segue:<sup>220</sup>

<sup>214</sup> Ibidem.

<sup>215</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “Have a Heart,” *Negro World*, 7 Jun. 1924, p. 7.

<sup>216</sup> Ibidem.

<sup>217</sup> ZACKODNIK, *op. cit.*, p. 447-448.

<sup>218</sup> Ibidem, p. 448.

<sup>219</sup> Ibidem.

<sup>220</sup> Ibidem.

“Nossas mulheres”, através dos artigos que Jacques Garvey recirculou de outros jornais e daqueles que seus leitores contribuíram, estava assumindo o trabalho autoconsciente e deliberado de constituir uma política de solidariedade global que ia além do Garveyismo, além do pan-africanismo, para todos os povos envolvidos em lutas de libertação e empoderamento. Jacques Garvey apresentou a cobertura da imprensa de tais lutas, incluindo a agitação feminista, como ligada às do Negro Americano. A recirculação como vemos em “Nossas Mulheres” é um exemplo de como os leitores podem ser moldados como conscientes de sua posição como parte de um todo muito mais amplo por meio de um discurso autorreflexivo (...).

Enfim, cabe destacar que “os compromissos de Amy com a justiça social e a mudança social eram inabaláveis”.<sup>221</sup> Quando defendia a assunção de riscos, a construção de confiança e determinação para seus leitores, Amy somente o fazia pois também exigia e trabalhava tais qualidades em si mesma. Segundo Adler, Amy havia criado “expectativas tão altas de si mesma como ativista social que estava sempre sendo decepcionada por aqueles que não correspondiam à sua perseverança”.<sup>222</sup> Tais expectativas se aplicavam a pessoas de fora e de dentro da UNIA.

Jacques Garvey teceu incisivas críticas a alguns membros da associação, aos quais se referiu em um editorial como “aquecedores de cadeiras”, “pretensos-ótimos” e “Quando-Garvey-voltar-para-casa”<sup>223</sup>, visto que “preferiam pontificar sobre o progresso racial em vez de lutar por isso”.<sup>224</sup> Consoante aduz Adler, no final, Amy parecia estar “desapontada e amargurada com muitas pessoas – incluindo seu marido – por não terem demonstrado a dedicação, coragem e compaixão exigidas de um(a) verdadeiro(a) ativista social”.<sup>225</sup>

Por fim, é importante verificar que o feminismo de Amy Jacques Garvey deve ser compreendido dentro do paradigma histórico e cultural ora analisado. Considerando a problemática inerente ao essencialismo cultural e a uma visão totalizante dos negros, frise-se que, para os Garveyistas “o comportamento submisso e dócil não era apenas uma antítese para uma identidade negra progressista”, mas para a própria “construção da nação, que exigia uma agência propositiva” de todos os seus membros.<sup>226</sup> Como uma feminista comunitária, Jacques Garvey auxiliou as mulheres negras a reconciliarem papéis dos âmbitos privado e público (como companheiras e líderes), expondo a unidade subjacente destas distintas funções.

---

<sup>221</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 366.

<sup>222</sup> *Ibidem*.

<sup>223</sup> JACQUES GARVEY, Amy. “Play up, and play the game!”. *Negro World*, 25 Set. 1926, p. 7, tradução nossa.

<sup>224</sup> ADLER, *op. cit.*, p. 366.

<sup>225</sup> *Ibidem*.

<sup>226</sup> TAYLOR, *op. cit.*, p. 114.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando ser parte dos objetivos do trabalho a análise das filosofias e expressões de Marcus Garvey e de Amy Jacques Garvey sob a ótica do pan-africanismo, é possível afirmar que tal meta foi alcançada, principalmente em função das abordagens historiográficas operacionalizadas, bem como pelas referências às fontes históricas utilizadas.

A partir da análise dos escritos de Amy Jacques para sua página no jornal *Negro World* e através de excertos da obra por ela organizada *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*, foi possível visualizar elementos fundamentais da teórica Garveyista, muitos destes postos em prática ao longo dos anos de funcionamento da UNIA (*Universal Negro Improvement Association*) e da corporação de estabelecimentos comerciais e industriais Garveyistas.

Para mais, no intuito de analisar elementos do Garveyismo nos discursos e na produção gráfica de Amy Jaques e Marcus Garvey, foram identificados e esmiuçados conceitos primordiais da filosofia Garveyista, como África, Raça, Nação, Competição e Autopreservação. Nesse sentido, fez-se uso de diálogos historiográficos entre teses e trabalhos acadêmicos de estudiosos brasileiros e estrangeiros especialistas na temática trabalhada.

Outrossim, considerando a infinidade de editoriais (aproximadamente duzentos) e a multiplicidade de temas abordados por Amy Jacques Garvey é possível pensar nas possibilidades de aprofundamento do estudo das produções textuais desta militante jamaicana. Além disso, apontando para pesquisas futuras, é interessante pensar no estudo do papel de Amy Jacques Garvey na preservação e consolidação do legado de Marcus Garvey ao longo das décadas posteriores aos anos 20, incluindo os livros que escreveu e editou durante sua trajetória de dedicação à causa nacionalista negra. Dessa forma, poderia se pensar na repercussão das ideias Garveyistas ao longo dos anos e ou mesmo até a atualidade

Além disso, outra possibilidade de estudo seria pensar a influência do pensamento Garveyista sobre intelectuais negros e revolucionários africanos ligados às lutas por independências de países africanos dos colonialistas europeus. Exemplos de figuras célebres influenciadas em algum nível pelo Garveyismo incluem o brasileiro Abdias do Nascimento, o primeiro presidente de Gana, Kwame Nkrumah (1909-1972), e Jomo Kenyatta (1894-1978), primeiro presidente do Quênia.

Segundo Hakim Adi, através dos relatos de Kenyatta, é possível constatar o impacto e a ampla disseminação da filosofia Garveyista através de seu periódico *Negro World*, considerando que alcançou até mesmo a África Oriental. O líder político queniano recorda que cidadãos quenianos não-alfabetizados aos moldes ocidentais se reuniam para ouvir repetidamente artigos e matérias do jornal Garveyista, de modo que os memorizassem e pudessem transmiti-los, através da oralidade, para comunidades situadas em locais mais distantes.

Ademais, ponderando sobre direções para os próximos estudos na área da pesquisa, também poderiam ser exploradas continuidades históricas e a questão da presença de elementos-chave do Garveyismo em movimentos sociais do século XX, como Black Power, e religiosos, como Black Muslims e Rastafari.

Em síntese, conforme Ula Y. Taylor, os pensamentos de Amy Jacques Garvey sobre as mulheres como líderes e companheiras merecem um lugar não só na tradição intelectual negra, mas também no pensamento feminista do início do século XX. Segundo a autora, seu legado está registrado em seus prolíficos editoriais, escritos com palavras impregnadas de múltiplos significados, e especialmente relevantes para as pessoas negras em diáspora.

De acordo com Karen S. Adler, sob diversos aspectos pode-se afirmar que Amy Jacques Garvey era uma mulher extraordinária, sabendo-se que ela teve um profundo impacto nas vidas de muitas mulheres e homens de seu tempo. Adicionalmente, considerando que ainda há muito a aprender com Amy Jacques Garvey e sua obra, Adler defende que devemos criar para Amy o mesmo legado que ela vigorosamente construiu para seu marido e sua ideologia. Por fim, como aponta Teresa Zackodnik, cabe explicar que Jacques Garvey trabalhou para colocar as condições do *negro* em um quadro internacional visando ampliar a consciência política e a possibilidade de ação da coletividade negra.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADI, Hakim. *Pan-Africanism: A History*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018.

\_\_\_\_\_. *Pan-Africanismo: uma história*. Tradução de Mário Soares Neto. Salvador: EDUFBA, 2022.

ADLER, Karen S., “‘Always Leading Our Men in Service and Sacrifice’: Amy Jacques Garvey, Feminist Black Nationalist.” *Gender & Society* 6, no. 3, 1992.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade* / Carla Akotirene. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARBOSA, Muryatan S. *A razão africana: Breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020.

\_\_\_\_\_. *Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica*. *África*, [S. l.], n. 31-32, p. 135-155, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/115352>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BARRET, Leonard E. *The Rastafarians*. Boston: Beacon Press, 1997.

BARROS, José D’Assunção. *História das Idéias – em torno de um domínio historiográfico*. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 2, n. 3, 2008.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BLAIN, Keisha N. *Uncovering the Silences of Black Women’s Voices in the Age of Garvey*. *African American Intellectual History Society (AAIHS)*. Disponível em: <https://www.aaihs.org/uncovering-the-silences/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

BRINCAT, L. *The Jupiter Hammon Project: Confronting Slavery at Preservation Long Island’s Joseph Lloyd Manor*. The Decorative Arts Trust, 2021. Disponível em: <https://decorativeartstrust.org/jupiter-hammon/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

BLOCH, March. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*, Colin, Paris, 1949 [1941-42].

BROOKS, R. *Integration or separation?: a strategy for racial equality*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

BROWN, Elsa Barkley. *Womanist consciousness: Maggie Lena Walker and the Independent Order of Saint Luke*. In: *Black women in America: Social science perspectives*. Micheline R. Malson, Elisabeth Mudimbe-Boyi, Jean F. O’Barr, Mary Wyer (Eds.). Chicago: University of Chicago Press, 1989.

\_\_\_\_\_. "Mothers in Mind," in *Double Stitch: Black Women Write about Mothers and Daughters*, ed. Patricia Bell-Scott et al. New York: Harper Perennial, 1991, 86-89.

CAMPBELL, Horace. *Garveyism, Pan-Africanism and African Liberation in the Twentieth Century*. In: LEWIS, Rupert & BRYAN, Patrick (ed.). *Garvey: his work and impact*. New Jersey: Africa World Press, 1994, p. 167-188.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. / NASCIMENTO, Washington Santos. (Orgs.) *Intelectuais das Áfricas / Silvio de Almeida Carvalho Filho / Washington Santos Nascimento*. Campinas: Pontes Editores, 2019.

CLARKE, John; GARVEY, Amy Jacques. *Marcus Garvey and The Vision of Africa*. New York: Vintage Books, 1974.

CLARKE, John Henrik. *Pan-africanismo, Poder Preto e História Preta*. Tradução de Kahotep Shemsa Hefen. São Paulo: Editora Ananse, 2021.

CRONON, E. David. *Black Moses: the story of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1969.

Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico / organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. 2.ed.; 3.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

DECRAENE, Philippe. *O pan-africanismo*. São Paulo: DIFEL, 1962.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *O Pensamento Africano Sul-Saariano: Conexões e Paralelos com o Pensamento Latino-Americano e o Asiático*. Rio de Janeiro: EDUCAM; CLACSO, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. O "Moisés dos Pretos": Marcus Garvey no Brasil. *Novos estudos CEBRAP*, v. 36, 2017 36(3), set. 2017.

ENLOE, Cynthia. *Bananas, Beaches, and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. London: Pandora, 1989.

FERGUS, Claudius. "From Prophecy to Policy: Marcus Garvey and the Evolution of Pan-African Citizenship." *The Global South*, vol. 4, no. 2, 2010, pp. 29-48. <https://doi.org/10.2979/globalsouth.4.2.29>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GARVEY, Amy Jacques (ed.) *The Philosophy and Opinions of Marcus Garvey*. 2nd Ed. London: Frank Cass & Co. Ltd, 1967.

GARVEY; Marcus; JACQUES GARVEY, Amy. *The Philosophy and opinions of Marcus Garvey*. New York: The Universal Publishing House, 1923.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Volume I. New York: Atheneum, 1971.

GARVEY, Mosiah Marcus. *Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa/ Marcus Mosiah Garvey; [tradução: Kwame Asafo N. Atunda, Ali Kemet, Lu Isha e*

Afrocentricidade Internacional Bahia; Organização e notas: Douglas J. G. Araújo e Kwame A. N. Atunda]. São Paulo: CFMG, 2017.

GOLDTHREE, Reena N.; DUNCAN, Natanya. "Feminist Histories of the Interwar Caribbean: Anti-colonialism, Popular Protest, and the Gendered Struggle for Rights." *Caribbean Review of Gender Studies*, issue 12, 2018, pp. 1-30.

GUY-SHEFTALL, Beverly, (ed.). *Words of Fire: An Anthology of African-American Feminist Thought*. New York: New Press, 1995.

HILL, Robert A., BAIR, Barbara. *Marcus Garvey: Life and lessons* (A centennial companion to the Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association papers). Berkeley: University of California Press, 1987.

História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880 / editado por J. F. Ade Ajayi. – Brasília: UNESCO, 2010.

JACQUES GARVEY, Amy. *Philosophy and opinions of Marcus Garvey*. New York: The Universal Publishing House, 1923.

KAESTLE, Carl F.; RADWAY, Janice A. (Eds.). *A History of the Book in America: Volume 4: Print in Motion: The Expansion of Publishing and Reading in the United States, 1880-1940*. Chapel Hill: UNC Press Books, 2015.

KAUTZ, S. "The Life and Works of Jupiter Hammon (1711–before 1806)", 2018. Disponível em: <https://preservationlongisland.org/the-life-and-works-of-jupiter-hammon-1711-before-1806/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

KING, Deborah K. Multiple jeopardy, multiple consciousness: The context of a Black feminist ideology. In *Black women in America: Social science perspectives*. Editado por: Micheline R. Malson, Elisabeth Mudimbe-Boyi, Jean F. O'Barr, e Mary Wyer. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

K'NIFE, K.; BERNARD, A.; DIXON, E. *Marcus Garvey the entrepreneur? Insights for stimulating entrepreneurship in developing nations*. 76 King Street: Journal of Liberty Hall, 2, 37-59, 2011.

LE GOFF, Jacques. Documento monumento. In: *História e memória*. 4 ed. trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP Ed. UNICAMP, 1996.

LEWIS, Rupert. *Marcus Garvey: Anti-colonial champion*. Kent, UK: Karia Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Marcus Garvey Paladín Anticolonialista*. La Habana: Casa de las Américas, 1988.

MACEDO, José Rivair. *O pensamento africano no século XX / José Rivair de Macedo (Org.)*. -- 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2016.

MARTIN, Tony. *Marcus Garvey: Hero*. Dover: Majority Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *Race First: The Ideological and Organizational Struggles of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*. Dover, Massachusetts: The Majority Press, 1986.

MARX, Karl. *O capital: Crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATTHEWS, Mark D. "Our Women and What They Think": Amy Jacques Garvey and *The Negro World*. *Black Scholar: Journal of Black Studies and Research* 10, no. 8/9, 1979, pp. 2-18.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MOSES, W. J. *Creative Conflict in African American Thought*. Frederick Douglass, Alexander Crummell, Booker T. Washington, W. E. B. Du Bois, and Marcus Garvey. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NAVARRO ALVARADO, Guillermo Antonio. *África deve-se unir?: a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negristas e pan-africanos (séculos XVIII-XX)*. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

NELSON, Stanley. *Marcus Garvey: Look for Me in the Whirlwind* [DVD] PBS Productions, 2002.

OLIVEIRA, Ananda Vilela da Silva. *Epistemicídio e a academia de Relações Internacionais: o Projeto UNESCO e o pensamento afrodiaspórico sobre o Brasil e seu lugar no mundo*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais. Rio de Janeiro, 2020.

OTTLEY, Roi. *New World A-Coming: Inside Black America*. Boston: Houghton Mifflin, 1943.

PAIM, Márcio Luis. *Pan-africanismo: vertentes políticas, libertação africana e a eliminação da unidade pan-africana pelos golpes de estado e assassinatos políticos. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação* Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão ... [et al.]. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RABELO, Danilo. *Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas do centenário da UNIA. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luís, v. 13, n. 26, p. 495-541, jan./jun. 2013.

RIOS, F.; SOTERO, E. Apresentação: Gênero em perspectiva interseccional. *Plural*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 1-10, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159740. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159740>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SANTOS, J. de P. dos. Nação, raça e identidade em *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*, de Phillis Wheatley. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 83–102, 2018. DOI: 10.17851/2317-2096.28.3.83-102. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18813>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SCOTT, William R. *The Sons of Sheba: African Americans and the Italo-Ethiopian War*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *The Ethiopian Ethos in African American Thought*. *International Journal of Ethiopian Studies*, Hollywood, v. 1, n. 2, p. 40-57, winter. 2014.

SHAW, Stephanie J. *What a Woman Ought to Be and to Do: Black Professional Women Workers during the Jim Crow Era*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

SHERWOOD, Marika. *Origins of Pan-Africanism: Henry Sylvester Williams, Africa and the African diaspora*. New York: Routledge, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais. Por uma história política*, v. 2, 2003.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399. jan./abr. 2017.

\_\_\_\_\_. *Visions of Politics*. Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I, cap. 4, p. 57-89.

SOUZA, Taina Elis Santos de. “Redenção da África; A libertação e elevação da raça africana”: os primeiros discursos de Edward W. Blyden e o estabelecimento da Libéria (1856-1871). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2020.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o ‘contextualismo lingüístico’ na perspectiva de Quentin Skinner. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, n. 4, 2008.

SWEENEY, Carole. *From Fetish to Subject: Race, Modernism, and Primitivism, 1919-1935*. Westport: Praeger Publishers, 2004.

TAYLOR, Ula Y. “‘Negro Women Are Great Thinkers as Well as Doers’: Amy Jacques-Garvey and Community Feminism, 1924-1927.” *Journal of Women's History*, vol. 12 no. 2, 2000, p. 104-126. Disponível em: <doi:10.1353/jowh.2000.0047>. Acesso em: 09 fev. 2023.

ZACKODNIK, Teresa. "Recirculation and Feminist Black Internationalism in Jessie Fauset's "The Looking Glass" and Amy Jacques Garvey's "Our Women and What They Think"." *Modernism/modernity*, vol. 19, no. 3, 2012, p. 437-459.

ZUMTHOR, Paul. *Document et monument. A propos des plus anciens textes de langue française*, em "*Revue des sciences humaines*", fac. 97, 1960.